

QUARENTA E CINCO DIAS

EM

ANGOLA.

APONTAMENTOS DE VIAGEM.

Ally ...

PORTO,

NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Rua do Almada, 641.

1862.



QUARENTA E CINCO DIAS

EM

ANGOLA.

BOSTON PUBLIC LIBRARY

Josiah H. Benton
Fund

QUARENTA E CINCO DIAS

EM

ANGOLA.

APONTAMENTOS DE VIAGEM.

por Carlos de Saldanha

PORTO.

—
1862.

R-13

Acc 91-79

DT 597.91 1862

AO LEITOR.

Decorreram uns poucos de mezes depois de concluida esta narração de viagem, que o author destinára a um amigo de infancia.

O unico motivo que o decidiu a imprimil-a foi o desejo de satisfazer ás instancias dos seus amigos e conhecidos, a quem ouvia frequentemente dizer : — *Ha já tanto tempo que regressou d' Angola, e nada nos tem contado do que por lá viu.*

O leitor sabe perfectamente que é tão aborrecido ouvir contar a mesma historia muitas vezes, como ter de a repetir a varias pessoas. Foi para evitar esse incommodo que resolvi publicar esta obra sem merecimento litterario ; — occultei de proposito o meu nome, para que se não julgasse que a vaidade podia ter alguma parte em determinação tão temeraria. Tambem me não poderão arguir de especular com esta publicação, porque dos poucos exemplares que mandei extrahir, mais de metade serão espalhados por todos aquelles que me honram com a sua amizade, e a quem com prazer a offereço.

Meu cara B.

Lisboa 11 de Maio de 1861.

Eis-me de volta d'essa digressão, que por condescendencia fui fazer á Africa.

E' justo que cumpra o que te prometti, e que passe a dar-te a respeito d'aquellas nossas possessões, ainda são pouca conhecidas entre nós, os esclarecimentos que me pedistes.

O pouco tempo que me demorei em Angola não me permite ser tão minucioso como desejava, nem de entrar na apreciação de certos factos que se praticam para o interior da Provincia; portanto quanto a este respeito te disser, sei-o por m'á terem contado pessoas que conhecem bem o interior, onde não fui, nem desejava ir.

Tambem entendi dever passar em clara os episodios maritimos da viagem, porque é genero que os romances tem posto fora de combate.

Estas impressões escriptas assim ao correr da penna, hão de necessariamente resentir-se d'isso; mas o meu fim principal foi dar-te uma ideia do paiz que visitei — apresentar-te, por assim dizer, n'este trabalho, uma photographia, em-hora a prova não sahisse perfeita.

Não sei se tornei bem salientes algumas reformas, que se deveriam introduzir nas nossas colonias, de que tantos resultados podiamos colher — agora sobretudo que a questão do algodão, para allí tem muito particularmente attraahido a séria attenção da Inglaterra.

São dous os pontos essenciaes, e sobre os quaes mais desejava insistir:

— A importancia das missões, como mui poderoso meio para conservar e augmentar a ri-

queza d'aquelles estados e prestar relevantes serviços á Humanidade pela civilisação d'aquelles povos, terminando até certo ponto as invasões e desordens bellicosas em que andamos continuamente com os indigenas da interior, e

— A mudança da Capital para Mossamedes, que pela sua bella situação e magnifico clima está talhada para ser a Capital da Provincia d'Angola. O governo deveria ser o primeiro em se empenhar n'essa innovação, da qual depende talvez o futuro d'aquella nossa possessão.

Dito isto, pôdes principiar a leitura d'esses apontamentos de viagem.

QUARENTA E CINCO DIAS

EM

ANGOLA.

APONTAMENTOS DE VIAGEM.



O Governo geral d'Angola comprehende a parte da costa occidental da Africa, que se acha pouco mais ou menos entre 8 e 16 graus de latitude sul ; — vem a ter proximamente 220 leguas d'extensão, e talvez 130 de largura. Digo talvez, porque em muitos pontos os nossos limites estão ainda mal demarcados, e são essas duvidas que por varias vezes tem dado causa aos ataques que temos soffrido da parte do gentio.

De todas as povoações d'Angola, *Loanda*, como se póde suppôr, é a mais importante; seguem-se *Benguella*, *Mossamedes*, e o *Ambriz* na extremidade do norte.

Os rios mais importantes que atravessam o nosso territorio de leste a oeste, são : o *Ambriz* — o *Dande* — o *Bengo* — o *Coanza* — o *Longa* — o *Gunza* — e o *Catumbella*; além d'estes ha mais treze de segunda ordem.

A nascente d'alguns d'estes rios é ainda de nós ignorada, ou pelo menos muito duvidosa, principalmente a do *Coanza*, a respeito da qual bastante se tem escripto, sem que nada de positivo se tenha colhido a tal respeito.

O defeito principal de muitos rios d'aquella nossa possessão, é de terem escavado pouco o seu alveo nas proximidades da costa; — as areias que elles arrastam são tão abundantes, que seu fundo, por falta de correntes fortes, se conserva quasi sempre na altura dos terrenos confinantes; sitios ha tão permeaveis, que as aguas somem-se n'uma grande extensão para reaparecerem a pequena distancia da foz.

D'aqui resultam dous grandes inconvenientes: em primeiro lugar torna-se a navegação muito difficultosa, e até impossivel em grandes extensões; e em segundo na época das chuvas chamada — *das aguas* — não podendo os leitos conter a grande quantidade de agua que a elles affluem, espalham-se pelos terrenos marginaes, onde se conservam por alguns tempos. A esta trasbordação, chamada *cheia*, attribuem os indigenas a fertilidade d'aquelles terrenos, e não é raro vér os pretos irem fazendo as sementeiras á proporção que as aguas vão recolhendo ao leito natural. Ha sitios mesmo, onde praticam tôscas comportas para inundar certos terrenos que por muito tempo se conservam cobertos de agua, até que sumindo-se e evaporando-se pela acção do sol, dão lugar a que n'elles se faça a sementeira.

Esta é sem duvida uma das principaes causas das febres a que dão o nome de *carneiradas*, e que devoram

por anno centenaes de pessoas na Provincia d'Angola. As folhas sêccas, o capim, e mil vegetaes que brotam espontaneamente nas margens dos rios, depois de cobertas pelas cheias, entram em decomposição, e passam ao estado de putrefacção apenas recebem os primeiros raios do ardente sol tropical; d'alli o desenvolvimento dos miasmas pestilentes que os ventos chamados *terraes* espalham por toda a parte. Era talvez possivel cohibir tudo o que a este respeito é causado pela mão do homem, mas de que serviria isso, e como remediar o mal causado pela natureza n'uma tão grande extensão, e tão variados sitios?

Pensar em canalisar os rios seria uma loucura, que pôde por ventura vir á mente de qualquer dos nossos homens d'Estado, mas que o bom senso reprova, e que não deixará de ser stigmatizada por todo aquelle que tiver o mais pequeno conhecimento do paiz, e não ignorar o estado de penuria em que nos achamos. O que veio confirmar a minha asserção ácerca da causa das epidemias, foi o seguinte facto que me contaram em *Mossamedes*, excellente terra, que tantas recordações me trouxe do Minho, e da qual fallarei mais detidamente.

Quando os primeiros colonos que se deram á cultura nos terrenos de *Mossamedes*, foram em busca do local mais apropriado para fazerem os seus ensaios agricolas, depararam com uma extensa planura onde indubitavelmente tinham em tempos immemoriaes corrido, e talvez estagnado, as aguas que mais tarde escavaram e se recolheram ao sitio onde hoje corre o rio *Béro*, a não mui grande distancia do sitio chamado as — *Hortas*. Os pri-

meiros que tentaram revolver aquella terra foram victimas dos seus esforços, e não foi sem receio, sem muito perigo, e sem pagar um largo tributo de vidas, que aquelles infelizes conseguiram arrotear aquelle terreno virgem, e de uma extraordinaria riqueza. Depois d'isso desapareceram as febres, e hoje *Mossamedes* é tanto ou mais saudavel do que qualquer cidade do sul do reino.

Suppondo mesmo que actualmente fosse possivel tornarem-se a inundar aquelles sitios, é muito provavel que os effeitos não fossem os mesmos, porque o solo acha-se limpo na maior parte, e muito revolvido pela constante cultura, e o aquecimento e decomposição das raras plantas parasitas que alli se encontram, pouca ou nenhuma influencia poderiam ter na pureza do ar.

O assoreamento dos rios é devido á natureza mesmo do terreno, que na maior parte dos sitios que percorri, é composto d'areias grossas, e d'argila de varias côres.

Com quanto tenhamos direitos inquestionaveis á posse do rio *Zaire*, não deve elle ser considerado como pertencente á Provincia d'Angola; direi comtudo algumas palavras a respeito d'este rio, um dos mais importantes da costa occidental d'Africa, a fim de tornar mais intelligiveis alguns trechos que mais adiante se hão de encontrar.

Tem o *Zaire* de largura na sua foz, cerca de vez e meia a do Tejo, e apesar dos muitos obstaculos que elle apresenta, póde-se considerar navegavel n'uma extensão de trinta e cinco milhas em tempos normaes, porém na época das aguas a corrente chega a ter dez e onze mi-

lhas de velocidade. Nas margens d'este rio, e em terreno summamente pantanoso, acham-se estabelecidas sobre ilhotas d'areia, varias feitorias estrangeiras e nacionaes que o *Ambriz* alimenta, e d'onde se espalham as negociações e trocas para a *Cabinda*, para o *Congo*, e para muitos outros pontos das margens do rio. A contar do ponto onde o *Zaire* deixa de ser navegavel por navios d'alto bordo, e para o lado de leste, divide-se o rio em varios affluentes, e ahi começa a confusão ácerca da sua origem.

Os esclarecimentos fornecidos pelos indigenas, tanto sobre o curso dos rios, ou a situação de qualquer povoação, merecem sempre muito pouco credito, porque ou seja por falta d'intelligencia, ou por ligarem pouca importancia a estas cousas, raro é encontrar meia duzia que concordem entre si. O modo como elles contam as distancias, e a facilidade de se contradizerem, não são garantias para estabelecer factos que a muitos interessam. Para ir de tal ponto a tal outro, dizem elles, é preciso que durante a jornada o sol appareça tantas vezes. E' uma maneira bastante vaga de marcar uma distancia, e o erro póde ser tanto maior, quanto ella o fôr.

Se se perguntar a um negro, se para ir a tal sitio se toma pela direita, elle responde sem hesitar :

— Pela direita, sim senhor.

Mas se lhe disserem immediatamente que pela esquerda tambem lá se deve ir ter, elle replica logo :

— Tambem, sim senhor.

Uma vez perguntei a um preto quantos dias seriam precisos para ir ao *Dande*.

— Sete, meu senhor — respondeu elle muito depressa.

Como esta resposta precipitada me fez acreditar que talvez nem elle soubesse onde era o *Dande*, disse-lhe para o experimentar:

— Mas tem havido quem lá tenha ido em dous dias.

— Em dous dias, sim senhor — acrescentou elle muito de prompto.

Já se vê que quem se fiar em taes mentores a muito se arrisca.

É nas margens do *Zaire* que actualmente mais se trafica em escravatura, e muitas das feitorias, para não dizer todas, de que acima fallei, não são mais do que capas que acobertam, ou dependem d'esse genero de commercio, que as convenções propostas pela humana Inglaterra, e acceites pelo ingenuo Portugal tiveram a habilidade de tornar o mais lucrativo de toda a costa.

Apesar do apparatus das estações navaes, e dos nomeados cruzeiros, a escravatura continúa, e ha de sempre existir, já porque os lucros são enormes e convidam, já porque o vapor empregado no transporte dos negros apresenta um carregamento com menos despeza na Havana, fugindo rapidamente a qualquer navio que por acaso appareça na occasião da sahida. O negreiro, além de ser sempre atrevido e esperto, é summamente generoso; sabe dar grandes jantares e lautas ceias áquelles que lhe convem obsequiar, perde mesmo ao jogo alguns contos de reis, quando aquelle de quem depende está em veia de ganhar, e se fôr preciso emprestar, ou man-

dar entregar qualquer quantia em Lisboa á ordem das authoridades civis e militares da terra onde se achar, ou mesmo de algum official de marinha, ninguem o faz com mais pontualidade. Se as authoridades são, d'antes quebrar que torcer, o que é excessivamente raro d'encontrar em Angola, soffrem muitos desgostos, armam-se-lhes immensas intrigas, correm mil perigos, e sempre são illudidas. Raro é aquelle que não cansa muito breve de lutar com tanto inimigo, e até com a propria consciencia.

A repressão da escravatura tem feito subir de uma maneira incrível o preço dos escravos: ainda não ha muitos annos que um negro na America o mais que custava eram quinhentos mil reis, e hoje na Havana compram-se quantos apparecem pelo dobro.

Facilmente se comprehende que é um negocio que deve tentar muita gente. O preço medio de um preto, ou preta em qualquer parte da costa, é de quarenta a cincoenta mil reis; mas o negreiro por esse custo já dá um grande lucro ao agente, que o obteve a troco de alguma polvora, de aguardente, ou de missanga.

A fiscalisação por parte da estação naval, a maior parte do tempo é feita por um palhabote, commandado por um segundo tenente, ou por um guarda-marinha, e tripulado por um patrão e dez a doze marinheiros; percorrem as feitorias, visitam as barcas e navios que saem dos portos suspeitos, e quando descobrem alguns pretos retidos para embarcar, ou que tentam levar para fóra escondidos entre lenha e outros generos, fazem a apprehensão, e conduzem-os para *Loanda*, onde são recolhidos no

antigo convento ou collegio dos jesuitas, vulgarmente conhecido pelo pomposo titulo de — Obras Publicas —. A estes pretos, e aos que são apprehendidos no alto mar, é que dão o nome de — *libertos*; custa o sustento d'esta gente cerca de treze mil reis por dia ao cofre da Provincia, sem d'ahi colher proveito algum. Muitos d'estes *libertos* são distribuidos pelos proprietarios que os requisitam, debaixo de determinadas condições, entre as quaes me parece estar estabelecido o tractamento que os pretos hão de receber, e o numero de annos que tem de servir; porém esta ultima clausula, posso affiançar, que não é cumprida, como provavelmente a outra não o será.

Deveria haver da parte do Governador geral o maior cuidado em não conceder *libertos* senão aos proprietarios, ou colonos que se dedicassem exclusivamente á agricultura, e que não tivessem meios sufficientes para comprar os escravos precisos. Seria mesmo muito conveniente e acertado, que se concedesse grande numero d'estes pretos aos agricultores das ilhas de S. Thomé, e do Principe, onde, por falta de braços, se estão perdendo bellas colheitas de café. Sei de boa fonte, que os cultivadores d'estas ilhas não só os tractariam com muita humanidade, mas que lhes dariam uma soldada em harmonia com o trabalho de que fossem capazes.

Infelizmente, longe de proteger a cultura n'aquellas ilhas, os nossos ministros que, por desgraça, tem sempre sido homens que não formam a mais pequena ideia do que são as nossas possessões, tem legislado de um modo que lhes tem sido bem funesto. Não quero de

fórma alguma contestar as boas intenções do Visconde de Sá, mas é innegavel, que mal aconselhado, ou infelizmente inspirado, elle se tem tornado prejudicial á Provincia d'Angola.

Não é de certo n'um paiz onde ha falta de braços e onde o preto é por natureza o unico ente proprio para o trabalho, porque elle só resiste ás fadigas e á influencia de um clima que nos é tão prejudicial, que se lhe deveria ter concedido a liberdade de que não é digno. O abuso que elles fazem d'essa liberdade veio crear não poucos embaraços e difficuldades ao commercio d'aquella Provincia.

O preto geralmente é traiçoeiro, mentiroso, ladrão e bebado : ha-os bem morigerados e affeiçãoados aos seus senhores, mas esses são tão raros como os bons sone-tos. Todos são indolentes por habito e systema, mas as suas necessidades são mui limitadas e faceis de satisfazer. Tres metros de fazenda d'algodão estampada, um punhado de farinha de pau e uma pinga d'aguardente de canna (*cachaça*) são os unicos objectos de que necessita para se vestir e sustentar; uma *cubata*, ou bar-raca composta de ramos de coqueiro e barro, que elle levanta com summa promptidão, serve-lhe d'abrigo e a suas companheiras: uma simples esteira estendida no chão é para elle um excellente leito em que o braço faz as vezes de travesseiro.

Para occorrer a tão diminuta despeza não necessita cansar-se muito, e não é raro encontrarem-se pretos a quem as pretas sustentam, sem que elles tenham mais

alguma cousa a fazer, do que ir levando docemente uma vida patriarchal.

Cabe aqui fazer distincção de uma certa raça de pretos que, com quanto não pertençam aos nossos estados, se acham em grande numero em *Loanda*, onde vão procurar trabalho.

Chamam-lhe *Cabindas*, por pertencerem a essa povoação que fica ao norte do *Zaire*. Esta gente occupa-se quasi exclusivamente em serviços maritimos: são elles que fornecem para *Loanda*, juntamente com os *Muxi-Congos*, a agua do *Bengo*, e que fazem todo o serviço da pequena cabotagem, e do porto. O escaler da alfandega é tripulado por doze *Cabindas*, que se tornam insupportaveis com a sua aborrecida cantilena com que acompanham constantemente o movimento dos remos. Esta raça de pretos é sem duvida a mais activa e a mais util que se encontra em Angola, onde prestam excellentes serviços ao commercio. Teem um consul em *Loanda*, e são governados na sua terra por um preto educado no Brazil, fallando varias linguas, e que se apresenta mui decentemente. Recebe n'uma soffrivel casa de habitação bem mobilada, e obsequia todos quantos o procuram, mas para não desmerecer das sympathias dos seus patricios, habita n'uma *cubata* modestamente construida.

Todos os navios nacionaes e estrangeiros que chegam a *Loanda* costumam, para poupar as tripulações, tomar para o serviço de bordo uma companhia de *Cabindas*, commandada pelo seu capitão. Muitas d'estas companhias conservam-se a bordo dos navios que teem de

percorrer a costa, e alguns d'elles já teem vindo a Lisboa a bordo dos vapores da — União Mercantil —; consta-me até que um d'estes para cá trouxe um filho que tem a educar n'um collegio da capital.

Os *Cabindas* são summamente economicos, e como a bordo recebem a ração, e uma *macuta* por dia (cincoenta reis fracos), chegam a juntar dinheiro; julgo-os sóbrios, mas não de delicado paladar, porque a um d'elles vi, na força do verão, comer ao almoço pimentinhas com sal e bolaxa, beber em seguida a sua ração de cachaça, e ficou tão satisfeito como se tivesse tomado um sorvete.

N'uma conversa que tive com um *Cabinda* foi que vim no conhecimento do verdadeiro sentido que os pretos ligam á palavra — branco — pela qual nos dominam. Perguntei-lhe se quando estavam a bordo dos navios estrangeiros entendiam as linguas que lá lhes fallavam, e elle respondeu-me com certa presumpção:

— *Me falla flancé, inglés, e lingua de blanco.*

Esta lingua de branco é a portugueza. Só nós somos considerados brancos, porque assim designaram os descobridores e conquistadores d'aquellas possessões, e só a elles é que os negros julgam pertencer esta denominação.

Os *Cabindas*, á semelhança de todos os mais pretos, são mui supersticiosos: fazem uso de pequenas manilhas de ferro para afugentar o feitiço, e algumas vezes lhes vi pintar com barro certos signaes na testa e nas fontes para combater dôres de cabeça, que elles attribuem a effeitos diabolicos. Se todos os pretos da nossa posses-

são fossem tão industriosos como os da raça *Cabinda*, o commercio e a agricultura teriam por certo attingido em Angola um elevado grau de prosperidade, mas infelizmente dos outros nada se póde esperar voluntariamente.

Que meios empregar para obrigar-os ao trabalho? Em vista das tendencias dos nossos ministros para a abolição da escravidão, não ha senão um: é fazer-lhes crear necessidades, obrigando-os a andar vestidos e calçados, e a ter um modo de vida qualquer, para que possam ser uteis á sociedade.

Sei que esta é uma das reformas que tenciona introduzir o novo Governador Sebastião Lopes de Calheiros, e se conseguir fazê-lo, Angola dará um largo passo no caminho do progresso e da civilisação.

É muito mal entendido quererem legislar e governar aquellas nossas possessões, com as nossas leis e codigos liberaes. Aquelle povo não está ainda bastante maduro, para poder ser governado constitucionalmente. Um estado composto na sua maioria de pretos boças, de degredados por toda a especie de crimes, de negociantes em grande parte de má fé, sem educação, nem consciencia, de muitos militares ambiciosos e pouco escrupulosos, não póde civilisar-se, nem ser governado senão por um despotismo illustrado. Os Governadores geraes que tentarem fazer algumas reformas necessarias, cortando abusos inveterados e que se encontram a cada passo em todos os ramos da administração publica, tem de combater uma opposição terrivel, porque aquelles que se julgarem assim feridos nos seus interesses, não

terão duvida em recorrer aos meios mais infames, para se desfazer de um homem que lhes póde ser fatal. Se o Governador não poder pelo seu lado recorrer aos meios rigorosos e repressivos, ha de succumbir na lucta irremediavelmente.

É preciso dar força sufficiente a um só homem, para poder luctar com milhares d'elles ignorantes, ou corruptos.

Permitta Deus que os nossos governantes se compenetrem de todas estas considerações: a boa escolha nos empregados a quem devem remunerar de fórma que compense as privações e soffrimentos que para alli vão supportar, sem que tenham de recorrer a meios illicitos para adquirir fortuna, é a principal base para fundamentar o progresso e engrandecimento d'aquella Provincia, e só assim e por meio da religião poderemos cumprir a nossa missão, que é de civilisar e concorrer para a independencia d'aquella terra.

Sei que esta ideia causa espanto a muita gente; mas se todos conhecessem mais de perto as nossas possessões, haviam de convir comigo, que a Africa civilisada e independente nos havia de offerecer mil outras vantagens que hoje não offerece pelo estado selvatico em que ainda se acha.

Que perdemos nós com a independencia do Brazil? Nada, absolutamente nada. Perderam sim os filhos bastardos da casa real, os filhos segundos das casas titulares, os aventureiros e os protegidos a quem a côrte dava os governos e os empregos das provincias como beneficios simples, mas as nossas transacções commerciaes

continuaram como d'antes, e o Brazil, apesar da sua independencia, não deixa de ser portuguez, e não cessará nunca de o ser em quanto alli se fallar a nossa lingua. Elles mesmos tanto o reconhecem, que já tentaram arranjar uma *lingua brazileira*, conseguindo apenas a pronuncia de um jocoso dialecto de preto.

Na actualidade as transacções commerciaes com o Brazil parecem de menor importancia, porque se acham espalhadas por muito maior numero de negociantes, do que antes da independencia; mas quando assim não fosse, o monopolio dos portos já não é possível, n'uma época em que nações fortes e fabris empregam todos os meios para dar sahida aos seus productos.

Entre nós, assim como nos paizes em que se tem escripto e discutido sobre a escravatura, encara-se esta questão pelo lado humanitario, e é certo que o commercio de carne humana repugna a todo o homem de sentimentos nobres.

Vejamos porém se pela repressão conseguiram o fim que se propozeram, e examinemos as causas que dão lugar á escravatura.

Os chefes das povoações do interior a quem dão os nomes de *Sóbas*, *Regulos*, *Principes*, e *Reis*, imitando os romanos da republica, educam os seus povos na caça e na guerra, mas ignoram totalmente que aquelles, terminadas as luctas, depunham a lança e o escudo para lançar mão da charrua, e cultivarem a terra que os devia alimentar como boa mãe que é. O seu estado d'ignorancia faz com que repetidas vezes, faltando os meios de subsistencia, se vejam obrigados a pedir á força ao visi-

nho, o que elle de boa vontade lhes não concederia, attendendo a que o seu estado de prosperidade de maravilha pouco mais lisonjeiro será.

Para se declarar a guerra é preciso que haja um pretexto, mas quando o não ha inventa-se, e elles assim fazem. Atravessar os estados sem licença, caçar fóra dos limites, são motivos mais que sufficientes para lançar a discordia entre dous potentados. Se esses mesmos pretextos vem a faltar, consulta-se então o singilla que, depois de invocar os deuses occultos, declara em tom prophético que o *Sóba* do estado visinho foi quem matou por feitiço os ultimos individuos que falleceram n'aquella povoação, e que pretendia ainda fazer o mesmo a muitos outros.

Feiticeiro!! guerra! guerra! grita a povoação em péso, e todos correm vingar as vicimas de tão nefando crime.

O ataque é dado de improviso, e a vingança, que dizem ser prazer dos deuses, mal póde saciar a sua ira, roubando e saqueando tudo, bois, porcos, gallinhas, mandioca e fructa, e só quando nada ha mais que roubar, nem destruir, é que os valentes centuriões retiram ufanos, conduzindo os ricos despojos com que se hão de manter por algum tempo na ociosidade.

Os prisioneiros pilhados com as armas na mão, são levados na frente, assim como suas mulheres e filhos, que os acompanham sempre. Estes infelizes são conduzidos ao mercado e vendidos aos agentes dos negreiros a troco d'aguardente, polvora, missanga, e fazendas d'algodão de côres, a que na Africa chamam *pannos*.

Ora como nem sempre ha compradores, acontece algumas vezes que os vencedores se vêem obrigados a conservar em seu poder, e sustentar os prisioneiros; e não lhes agradando este onus, se por desgraça a ausencia dos compradores se prolonga mais que o costume, o *Sóba* determina que, como medida economica, se corte a cabeça aos prisioneiros!

É o meio de resolver radicalmente a questão, e como entre o gentio se cumprem as leis á risca, a execução segue de perto a sentença.

Não pretendo com esta ideia, que tem ares de paradoxo, justificar os negreiros, nem sei como elles tractam os escravos; confesso que não sympathiso com semelhantes traficantes, porque aquelles que me tem sido indigitados como taes, me tem parecido grosseiros, activos e eminentemente desmoralizados; mas attendendo ao numero consideravel de creaturas subtrahido por elles ao cutello do algóz, havemos de concordar que contribuem com melhor exito para o fim humanitario, que nós pretendemos conseguir pela repressão do trafico.

Escusado será tambem accrescentar, que estes meliantes não o fazem de maneira alguma por considerações de virtude, ou espirito de philantropia, nem elles se arriscavam por tão pouco.

Se seguirmos o escravo e o formos vêr em poder do seu senhor, tanto nas Mauricias, como nos Estados-Unidos e na Havana, enconral-o-hemos vestido, bem alimentado, baptisado e educado, o que seguramente lhe não acontecia na sua terra natal, onde só gosava da faculdade de poder passar a sua existencia sem fazer cousa

alguma, tornando-se inutil a si e aos mais. Se o trabalho é uma desgraça, não somos nós todos bem desgraçados?

Quantos e quantos pretos existem hoje na America, que depois de resgatarem a liberdade com o fructo das suas economias, conseguiram estabelecer-se, tornando-se cidadãos uteis ao paiz que os acolheu? Se os exemplos não são tantos, quantos eram para desejar e podiam ser, é isso devido ao desmazêlo e vida desregrada da maior parte dos escravos a quem o futuro não afflige demasiadamente.

O tractamento que os pretos recebem dos seus proprios, é infinitamente mais cruel do que o são os castigos infligidos pelos brancos, e d'isso nos podemos certificar presenciando as scenas horrorosas praticadas pelos *Regulos*, nossos visinhos, a quem a estúpida superstição cega a ponto de sacrificar, em honra de um mono ridiculo, victimas innocentes, abrindo-lhes o ventre, arrancando-lhes as entranhas palpitantes, e bebendo-lhes o sangue ainda quente e fumegante !

Para mostrar até onde chega a crueldade d'aquella canalha, citarei o seguinte caso, que me foi contado por um official de marinha muito conhecedor da costa occidental d'Africa, onde permaneceu por muito tempo.

Ha já bastantes annos um dos *Sóbas* do interior, homem provavelmente tão velhaco, como covarde, fez um contracto com o chefe da estação ingleza, compromettendo-se, mediante certa quantia por cabeça, a denunciar-lhe quando e onde embarcavam os escravos que elle vendia. As denuncias foram dadas com a maior

exactidão, e pela sua parte o commandante inglez não foi menos pontual no pagamento em letras das quantias que pelo contracto pertenciam ao *Sóba*.

Como porém este contracto tinha sido feito sem consultar o governo inglez, este entendeu não o dever sancionar, e as letras que o *Sóba* tinha mandado para Inglaterra foram-lhe devolvidas.

Algum tempo depois o commandante inglez, fazendo uma excursão pelas margens do rio, junto ao qual morava o tal *Sóba*, saltou em terra com a sua gente, e divertia-se caçando, quando o vieram convidar da parte do *Sóba* para acceitar uma refeição e assistir a uma brilhante festa com que elle se propunha obsequiar o seu hospede.

Movido pela curiosidade, o commandante acceitou o convite, e seguiu com a sua gente o enviado até á *cubata* do *Sóba*, onde se achavam preparadas algumas iguarias, que os inglezes não recusaram por condescendencia. Findo o banquete, durante o qual reinou a melhor harmonia e cordialidade, o *Sóba*, depois de ter dado as suas ordens em particular, convidou os inglezes para irem até á praça publica, onde devia ter lugar a festa promettida.

Quando lá chegaram, duzentos pretos prisioneiros, com as mãos atadas atraz das costas, e acompanhados cada um do seu guardião armado de machado, rodeavam o local destinado para as danças e divertimentos publicos. A um signal dado pelo *Sóba*, duzentas cabeças rolam no chão: um grito de horror escapa aos espectadores atonitos. O commandante quer saber porque

motivo se pratica tão inaudita crueldade, mas o *Sóba* interrompendo-o lhe diz: — «Inglez, convidei-te para vires assistir a uma grande festa: parece-me que cumpri a minha promessa; outro tanto, accrescentou elle, entregando-lhe as letras que lhe tinham sido recambiadas de Inglaterra, outro tanto não fazem os da tua nação. Peço-te que guardes esses papeis como lembrança minha.»

Foi então que o inglez conheceu em que mãos estava, e não foi sem grande espanto seu e dos que o acompanhavam, que se viu a bordo da sua lancha sem ter soffrido o menor insulto.

D'estes actos brutaes e ferinos é que os brancos, mesmo os mais endurecidos no trafico da escravatura, de certo não praticariam a sangue frio.

Não tem, por exemplo, o Rei de Dahomey assim adquirido tão monstruosa celebridade?

De vez em quando noticiam os jornaes uma nova hecatomba: sacrificios, ou massacres de centenaes de victimas, que assombram a Europa inteira!

Mas deixemos este assumpto, e voltemos ao *Zaire*, a respeito do qual pouco resta que referir. Já disse, se bem me recordo, que a natureza do terreno, nas margens do *Zaire*, e geralmente nas partes que visitei na costa, é eminentemente friavel e escavavel; isso dá lugar a que repetidas vezes se destaquem nas partes pouco frequentadas do rio grandes porções de terra, que o capim e as raizes d'arbustos conservam por muito tempo solidamente ligadas, até que a crusta superior se rompa e se vão submergindo os fragmentos que d'ellas se separam.

Estas porções de terra, a que vulgarmente dão o nome de *ilhas fluctuantes*, descem pelo *Zaire* no tempo das cheias com tal velocidade, que se tornam muito perigosas para a navegação, e é vulgar encontral-as no Oceano, onde a corrente do rio as arrasta, e onde vo-gam por largo tempo.

Muito ha de certo que dizer a respeito do *Ambriz*, onde temos uma alfandega, porém não me julgo sufficientemente habilitado para acrescentar mais cousa alguma ao que já disse; por isso navegaremos para o sul, fazendo uma curta parada no *Bengo*.

É do rio *Bengo* que se leva para a capital a maior parte da agua que alli se bebe, e todos a preferem com razão á do *Coanza*, onde por vezes tambem recorrem, e á dos poços da *Mayanga*. É igualmente do *Bengo*, assim como do *Dande*, que vai para *Loanda* a lenha, o carvão, e o sal proveniente das salinas que existem junto ao *Zenza*. O *Bengo* dista quinze milhas proximamente de *Loanda*; é talvez o rio de maior consideração de toda a costa, não pelas suas dimensões, mas pelas transacções commerciaes que facilita, e por se achar perto da capital e lhe fornecer diariamente a agua, que apesar de muito impura, é preferivel a qualquer outra da que alli se gasta.

A agua é transportada em pipas, que os pretos conduzem n'umas barcas bastante mal construidas, a que dão o nome de *dongos*, e que fazem navegar á força de remos, quando a *brisa*, que é o vento que reina de dia de oeste a leste, não é sufficientemente forte para poderem usar d'umas velas d'esteira fabricadas por elles.

Ha certas occasiões em que o mar da costa perde a sua tranquillidade e se torna agitado, a ponto de não poderem ir as barcas ao *Bengo*: n'essas épocas, chamadas da — *callema* —, sóbe o preço da agua em *Loanda*, e muitos dos seus habitantes se vêem obrigados a gastar agua do sitio da *Mayanga*, nos suburbios da cidade, ou dos poços, a que chamam *cacimbas*.

Tenho dito que a agua do *Bengo* é preferivel a qualquer outra de que se possa fazer uso na capital, comtudo isto não quer dizer que ella seja excellente. Se os pretos que a vão buscar ligassem a devida importancia á qualidade de uma bebida tão necessaria á vida, sobretudo n'aquelles climas abrazadores, é provavel que a agua fosse menos salobre; mas como os aguadeiros costumam fazer as provisões em certas horas para se aproveitarem das marés e das brisas, resulta d'ahi que quasi sempre se contentam em tomar a agua a uma distancia da fóz do *Bengo*, onde elles julgam já não chegar a maré. O paladar dos que se occupam n'este negocio, não sendo muito apurado por causa dos seus alimentos excessivamente salgados e apimentados, na occasião das provas toda a agua que não fôr do mar lhes parece dôce, e é sem dúvida por esse motivo, que não sacia a sêde. Além d'este inconveniente, que a mistura d'aguardente ou genebra destróe em parte, a agua do *Bengo* tem mais o de conter sempre em suspensão grande quantidade de materias lodosas, depositando-se estas substancias ao cabo de alguns dias; mas n'um paiz onde se faz grande consumo d'agua, e onde todos desejam têt-a fresca, nin-

guem espera que ella clarifique de per si, e todos preferem filtral-a.

Para os que por negligencia ou por falta de meios não fazem uso do filtro, esta bebida é muito prejudicial, e a origem das molestias de figado tão vulgares em *Loanda*. Tive mesmo occasião de o experimentar no meu regresso para Lisboa, bebendo agua do *Bengo* por filtrar, e que o balanço do navio não deixava depositar. Assisti em varias occasiões á distribuição da agua: vi-a sahir dos tanques côr de café, e por necessidade muitas vezes assim a bebi; mas desde *Loanda* até S. Thiago de Cabo Verde senti constantemente um incommodo d'estomago, que ia augmentando diariamente de um modo que bastante cuidado me deu, porém esse padecimento foi-se desvanecendo desde que principiei a beber agua da cidade da Praia.

O *Coanza* é navegavel, n'uma extensão de mais de sessenta leguas, por lanchas que se empregam no transporte de differentes generos entre *Calumbo* e *Cambambe*, e sêl-o-ia até ás alturas de *Pungo-Andongo*, se uma grande cascata se não oppozesse á passagem dos barcos, n'um sitio pouco distante de *Cambambe*. D'esta povoação e de *Calumbo* exporta-se bastante madeira para *Loanda*. Os Hollandezes tentaram, em 1641, formar um canal que abastecesse *Loanda* com a agua do *Coanza*, mas este projecto grandioso foi abandonado, e hoje ninguem tentaria executal-o.

É tempo de fazer a descripção da Cidade de *S. Paulo de Loanda*.

A Capital da Provincia d'Angola acha-se situada a

8 graus de latitude sul, no fundo de uma grande bahia formada pelo continente e pelas ilhas de *Loanda* e de *Cazeange*, grande orla d'areia de uns quatrocentos metros de largura, que corre parallelamente á costa, desde as proximidades do *Coanza* até ao *morro das Lagostas*, na extremidade norte da cidade.

E' n'estas ilhas que moram os *Muxi-loandas*, raça de pretos que se occupam unicamente da pesca. Existem alli modernas casas de campo, mandadas construir por alguns negociantes de *Loanda*, e um elegante deposito para os mantimentos da estação americana.

Vista da bahia, *Loanda* apresenta um lindo panorama, devido á configuração do terreno em que está edificada, e que muito se parece com Setubal. O aspecto da vegetação é encantador, sobretudo para europeus que não estejam affeitos a vêr sitios onde brotem plantas tropicaes, e cujo tom verde é tão agradável á vista, que apenas podemos comparal-o ao do nosso linho de prado. Os palmares, os coqueiros, os tamarinheiros, as cajueiras, as bananeiras, as mangueiras, e muitas outras arvores, cujos nomes me não occorrem agora, dão á cidade e a seus arrabaldes um colorido tão bello, que mal se póde acreditar que alli em vez de ar puro e saudavel, só se respirem miasmas pestilenciaes. Da mesma fórma que em quasi toda a costa africana, o terreno em que *Loanda* se acha edificada é areento, misturado de barro vermelho e amarellado.

A Capital divide-se em cidade baixa e cidade alta: a cidade baixa, a — commercial — é construida sobre uma restinga de areia que parece ter sido formada

pelo assoreamento de parte da bahia, onde as aguas mortas não tinham, por causa do pequeno cabo da fortaleza, a necessaria corrente, e pelas terras acarretadas da cidade alta nas occasiões de grandes chuvas. Estes assoreamentos vão augmentando sempre, e diminuindo consideravelmente a área da bahia. Os navios d'alto bordo, que d'antes se aproximavam muito da terra, fundeiam actualmente a uma distancia talvez superior a mil e quinhentos metros do caes. A cidade alta fica situada sobre um monte cortado a pique, que circunda a baixa em toda a sua extensão.

A differença de nivel entre as duas partes da cidade é proximamente de setenta metros, o que as tornaria quasi incommunicaveis, se não fossem duas fortissimas rampas, construidas sobre muros de suporte, nos dous pontos mais accessiveis da cidade alta.

Loanda deve ter hoje perto de onze mil almas, sendo a maior parte de seus habitantes de raça preta e mestiça.

A cidade baixa contém grande numero de casas; algumas d'ellas, ainda que construidas sem elegancia, e sem gosto algum architectonico, denotam terem sido edificadas em tempos remotos por alguns nobres descontentes da sua sorte, e que áquellas praias foram tentar fortuna nos azares da guerra ou nos do negocio licito d'aquelle tempo. As modernas construcções, apesar de muito mais regulares do que as antigas, deixam ainda muito que desejar.

É no centro d'esta parte da cidade que se acha a igreja de — Nossa Senhora dos Remedios —, templo

mal conservado e de pobrissima apparencia, mas que gosa das honras de — Sé nova —, desde que a antiga passou a servir de curral!

Em qualquer aldeia do nosso Minho, se encontra uma igreja com mais aceio e esplendor, do que em *Loanda*, e isso não é para estranhar attendendo ao pouco uso que d'ellas se faz. Ainda não encontrei terra, por mais desmoralizada que fosse, onde se cumprissem menos os preceitos da nossa religião. As proprias mulheres, que por natureza são sempre mais inclinadas ás práticas religiosas, essas mesmas pouco ou nada frequentam os templos! Geralmente, em toda a Africa, tractam mais do corpo, do que da alma. Ha tal, que de manhã negaria uma libra para as obras da igreja, em quanto que de tarde perderia um conto de reis ao monte.

Não sei se a desmoralisação das nossas possessões é devida á falta de bons parochos, se aos maus exemplos que alguns teem dado; o que é certo, é que geralmente a gente branca tem os padres em pouca consideração, e talvez que tambem para isso concorra pertencerem muitos d'estes á raça mestiça. Notei sempre nos pretos maior predilecção pelos ecclesiasticos do que nos brancos, mesmo os mais rusticos, e varias pessoas me affirmaram, que o primeiro cuidado do preto do interior, quando apparece alguma expedição militar, é de perguntar se — vem padre. Muitos pretos vivem e morrem sem baptismo, por não ter havido padres que se dedicassem a percorrer o interior, a fim de instruir uma infinidade de creaturas, das quaes se conseguiria muito mais com a cruz, do que com a clavina.

Ignoro se o novo Bispo, que dentro em breve deve seguir viagem para Angola, terá força sufficiente e poderá dispôr dos meios necessarios para reformar os templos da sua diocese, entregal-os a parochos honestos e dedicados, e tractar seriamente da propaganda religiosa. Dizem-me que lhe não falta talento e boa vontade: isto já não é pouco, mas terá elle animo bastante e saude para resistir a um clima tão mau e tão desanimador? Deus o queira.

Persuado-me que foi um erro enorme, a abolição dos conventos no Ultramar. Dessem-lhes embora uma organização mais adequada ao paiz, e ao fim a que se deveriam propôr, mas da sua conservação se colheria o maior proveito, tanto para a Provincia, como para o Estado. Verdade é, que os frades mandados dos nossos conventos nem sempre eram de exemplar conducta, mas isso mesmo seria facil de remediar na occasião em que se aboliram as ordens religiosas, porque é provavel que d'entre tantos individuos que por ahi ficaram ao desamparo, muitos accitassem passar para o Ultramar se lh'o tivessem proposto.

Quando medito no passado, vejo que ás ordens religiosas se deve a maior parte de tudo quanto na Africa ha, ou houve soffrivel. Os Jesuitas construíram em *Loanda* um bello templo e um grande convento, onde os pobres recebiam a educação, e que hoje se acha transformado em Palacio episcopal. Foram elles que, pelas missões, espalharam no seio de immensas povoações selvaticas, o germen do catholicismo, que tão enraizado ficou no coração d'aquella gente, que apesar de te-

rem decorrido cerca de trinta annos sem que os ministros de Christo tornassem a apparecer entre elles, ainda hoje pedem padres, desejam ser baptisados, e cederiam de boa vontade a algumas exigencias nossas, se houvessem governadores de districto, bastante intelligentes e desinteressados, para dispender alguma quantia na reedificação dos primitivos templos, que o tempo e o abandono reduziram a ruinas!

Para prova da fé viva e profundo respeito, que aquelles povos consagram á nossa religião, bastaria talvez lembrar que em varios sitios onde as igrejas desabaram, e onde ha muito por falta de padres se não exerce o culto divino, tem os pretos, apesar do grande apreço pelos objectos de prata, guardado escrupulosamente todos os adornos, e alfaias que os nossos Bispos e Governadores para lá lhes mandaram no tempo em que os seus rendimentos eram mais avultados.

E' realmente para estranhar que o Collegio do Bombarral, destinado para as missões, não tenha enviado para Angola ministros da religião, que incalculáveis serviços prestariam á civilisação e á humanidade.

No interior, grande numero de povoações onde nunca chegaram a apparecer os nossos prédadores, conservam ainda as crenças barbaras e fanaticas que se assemelham ás dos Gaulezes: — é o druidismo, com pequena differença. Acreditam na metempsycose, ou transmissão da alma de uns para outros corpos; na vida eterna, passada n'um mundo de delicias, para onde a alma vòu d'este que veio habitar como prova ou castigo. Ha bastantes exemplos de pretos atacados de nostalgia,

que depois de transportados para a America se tem suicidado, para escaparem aos castigos d'este mundo e irem gozar a bemaventurança que no outro esperam encontrar.

Como os Druidas, tambem teem os seus adivinhos, — *gangas* — que não devemos confundir com os feiti-ceiros, por serem estes, objecto de especial aversão para o gentio. Teem igualmente curandeiros, ou distribuidores de especificos milagrosos compostos de summos de certas plantas, que descobrem a molestia, e a sua origem pela magia, recorrendo a certos signaes mysteriosos e invocando inspirações de um ente sobrenatural que é vulgarmente o idolo, objecto das suas adorações. Fazem uso de talismans — *milongos* — para combater o feitiço, e tal é a superstição que ainda hoje os domina, que frequentemente celebram horrendos sacrificios humanos, debaixo mesmo dos muros dos nossos reductos.

Quando as missões não alcançassem outra cousa mais do que pôr termo a esses horriveis espectaculos, não fariamos nós um grande serviço á humanidade?

Quasi todos os conventos que ha em *Loanda* estão já em completa ruina; existe comtudo o de S. José a curta distancia da cidade, e n'uma situação deliciosa, que apesar de deteriorado é susceptivel de grandes melhoramentos. N'esse convento é que o Governo deveria estabelecer um seminario, onde recolhesse e educasse gente natural do paiz, com o fim de percorrer o interior, e propagar até ás povoações mais longinquas a doutrina christã. D'ahi haviam dimanar os elementos civilisadores para firmar a paz tão desejada, e sem du-

vida alguma resultaria o engrandecimento e prosperidade dos estados tão vastos em que ainda predominamos. Essas expedições eram mil vezes mais proveitosas, e infinitamente menos deshumanas, do que as dos soldados europeus que a ignorancia dos nossos governantes votou barbaramente á miseria e soffrimento !

É incontestavelmente um crime inaudito, aquelle que presenciámos dos meios que se empregam para angariar gente para servir no Ultramar : illudindo uns com postos d'accessão, que a final lhes regateam com chicanas miseraveis ; a outros pintando-lhes Angola qual outro Eldorado, paiz de fadas e d'encantos ; engodando outros com soldos dobrados, adiantamentos e gratificações, e finalmente empregando-se até com alguns desgraçados o terror e as ameaças !

E tudo isso para que ?

Para lançar nas praias d'um paiz inhospito, centenaes de creaturas, que vão partilhar da triste sorte que as nossas leis reservam para os criminosos condemnados á pena ultima, e que a clemencia real, ou a moderna civilisação commutou em degredo perpetuo. Que bello quadro de perversidade !

Não é possivel que haja coração, por mais insensivel que seja, que se não constranja, sabendo a que misero estado ficaram em tão pouco tempo reduzidos aquelles bellos corpos que d'aqui sahiram ha um anno, e que a morte tem ceifado inexoravelmente. Aspecto cadaverico, cabellos arripiados, olhar espantado, ventre inchado, e as pernas cobertas d'asquerosas chagas, eis o desgraçado estado a que se acha reduzida a maior parte

d'aquelles infelizes, a quem a morte parece ter poupado só para lhes prolongar os padecimentos.

Repetidas vezes vi alguns d'esses phantasmas fazendo guardas. Julguei a principio que iam recolher ao hospital, mas soube depois que de lá tinham sahido; — a sciencia dera-os por promptos para todo o serviço!

Quasi diariamente pela força do verão, tiveram estes infelizes de conduzir com bastante custo e fadiga ao cemiterio do *Alto das cruces*, os cadaveres dos seus companheiros fallecidos no hospital. Ao recolher ao quartel, era facil divisar no seu ar abatido e melancolico, o mau effeito que aquelle acto deve produzir no espirito enfraquecido do soldado, que vê rarear todos os dias o numero dos seus camaradas.

É provavel que esta cerimonia funebre faça parte dos regulamentos militares, mas muita cousa ha supportavel em Portugal e intoleravel em Angola, onde se vive constantemente debaixo de impressões atterradoras, e onde estas scenas lugubres concorrem para mais facilmente ser atacado das molestias do paiz.

Porque se não ha de organizar o exercito com os indigenas, que são os unicos que podem resistir á pernicioso influencia d'aquelle clima?

Haja muito embora um corpo d'Europeus, gente de confiança do Governador geral, mas que seja um corpo fixo, e não o obriguem a sahir da capital e a entranhar-se nos matos do interior, onde vão acabar de perder o garbo e energia que mal se podem conservar ainda assim em *Loanda*.

O preto depois de fardado e disciplinado é um ex-

cellente soldado. O espirito de corpo domina-o do mesmo modo que os brancos; e nas expedições que se teem feito nota-se que não é elle o que melhor tracta os gentios. Tive occasião de vêr, que o soldado preto além de ser muito aceado, tem muita propensão para a vida militar, porque só assim se pôde vêr bem vestido e calçado, o que lhe dá um subido grau de superioridade sobre aquelles que só trajam *pannos* e andam descalços. Depois de fardado e calçado, elle mesmo se considera branco, e tracta de — negros — os da sua especie, que não andam calçados. Esta vaidade deveria até ser aproveitada, para d'ella tirar bom partido, o que era facillimo dando á tropa preta um uniforme commodo e de côres vistosas, pois é bem sabido que elles se deixam fascinar pelos enfeites abrilhantados.

Isto não é ideia nova: — ha muito que os inglezes na India, e os francezes em Argel, a pozeram em prática e assim poupam os seus soldados e utilisam braços que despresados lhes poderiam ser funestos.

Ha em Angola muita rapaziada parda que sabe lêr e escrever: são esses os que deveriam ser escolhidos para officiaes inferiores, entregando o commando dos corpos e das companhias a officiaes brancos do exercito do Ultramar, filhos do paiz, ou europeus aclimatados já pelos muitos annos de residencia, ou a officiaes do exercito de Portugal, que por sua livre vontade queiram ir para Africa.

É muito conveniente que os officiaes superiores sejam brancos, não só por serem muito mais intelligentes e terem mais conhecimentos práticos do que os mulatos,

mas tambem por ser um facto de todos bem sabido, que os pretos preferem ser commandados pelos brancos, que lhes inspiram maior confiança.

A superioridade do soldado preto sobre o branco torna-se bem nótavel todas as vezes que ha qualquer marcha para o interior: os brancos são os primeiros que cançam, os que mais soffrem com a falta d'agua, e quando chegam a algum ponto em que o mato os obriga a parar, são sempre os *empacaceiros* que passam para a frente a abrir-lhes caminho. Não nos devemos admirar que a nossa gente dê a direita á tropa preta n'essas difficultosas marchas, porque raro é o branco, por mais robusto que seja, que possa aturar por muito tempo o terrivel calor do verão, e resistir ás febres, fadigas, e privações, a que muitos d'elles succumbem desgraçadamente por falta de remedios e de facultativos.

Pára terminar sobre este assumpto, farei ainda uma consideração.

Causa espanto que se tivesse abolido no exercito o castigo da chibata, unico elemento de disciplina que restava, para o substituir por um castigo mil vezes mais barbaro e immoral!

Actualmente todos os soldados do nosso exercito que commettem tres faltas de certa gravidade, que d'antes expiavam com umas tantas chibatadas, são condemnados a servir nas companhias disciplinarias do Ultramar, onde morrem victimas da febre, ou onde vivem promiscuamente com facinorosos e malvados de toda a especie. Aquelles que teem a fortuna de escapar, voltam de lá mais desmoralizados, se não mais viciosos do

que foram. Será isto de algum modo proveitoso para o exercito e para o paiz?

As impressões de uma viagem, por mais succinto que se queira ser na sua narração, obrigam sempre a certas reflexões que a importancia do assumpto suggere: é o que nos tem acontecido, e é natural que ainda torne a conter.

Por em quanto voltemos á descripção de *Loanda*.

Foi, como já dissemos, para a igreja de — Nossa Senhora dos Remedios — que os modernos Bispos transportaram a sua cadeira, e é n'este templo que se celebram immensos officios de corpo presente. E' tambem alli, que os novos Governadores se dirigem depois do desembarque para assistirem ao *Te-Deum*, acompanhados pelo Governador que vão substituir. De lá seguem para o Palacio, onde se reúnem na sala do docel as authoridades civis, militares, e ecclesiasticas, e grande numero de empregados publicos, e commerciantes para assistirem ao auto da posse. É costume trocarem os Governadores entre si phrases lisonjeiras e cordiaes, aproveitando-se o recém-chegado da occasião, para dirigir ao auditorio uma especie de programma do seu futuro governo.

O desembarque de um novo Governador é cousa bastante curiosa a presenciar, por uma particularidade que a torna assaz caricata, e que já por varias vezes tem feito encordoar os recém-chegados.

N'essa occasião o povo todo de *Loanda* reúne-se na praia, junto ao caes do desembarque, para vêr e festejar o seu novo Governador, a quem os pretos chamam

Mani-puto ⁽¹⁾; mas como o numero d'estes, é muito superior ao dos brancos, facil é de comprehender que a sua alegria e ovações devem predominar e tornar-se muito salientes. Com effeito assim acontece, e creio que não é facil presenciari um acto de ridiculo tão sublime como o do regosijo dos pretos de *Loanda*.

Ao troar do canhão das fortalezas e dos navios surtos na bahia, junte-se o estalido das girandolas de foguetes, os repiques de sinos, a musica regimental, as estrepitosas acclamações, os pulos desordenados e a inferneira produzida por alguns milhares d'apitos e de gaitas capadeiras, e mal se poderá formar ideia da impressão causada no espirito de um europeu, que pela primeira vez presenciar tão delirante espectáculo. Se o desembarque tem lugar no verão — de meado de Novembro a Maio — enxames de cigarras juntam o seu canto ruidoso ao immenso alarido da multidão.

Estas scenas de effusão devem ser presenciadas para poderem ser comprehendidas. Supponho, mas não o affirmo, que aos Bispos fazem iguaes recepções.

Não é só na nova Sé, que se exerce o culto divino: tambem se diz missa todos os dias santificados n'uma igreja da cidade alta, cujo orago é S. João Baptista, e á qual assiste de ordinario o Governador com seu estado maior, e os destacamentos da guarnição com a musica do 1.º de linha, uma das melhores cousas que encontrei em *Loanda*, e á qual na realidade me não esperava.

Na cidade baixa ha ainda a igreja do Corpo Santo, e

(1) Tambem dão este nome ao Rei de Portugal.

mais duas capellas. Não é de certo por falta de templos que em *Loanda* se não ouve missa; — talvez seja por falta de padres.

Já disse que a igreja dos Jesuitas está em completo estado de ruina: apenas existem as quatro paredes, ás quaes encostaram uns pequenos alojamentos ou barracas de feira, a que chamam — officinas das obras publicas — onde vi executar algumas obras de ferreiro, espingardeiro, funileiro, correeiro, tanoeiro, torneiro e carpinteiro, parte d'ellas feitas por operarios degredados, e outras, por operarios a jornal.

Parece que este estabelecimento, á testa do qual se acha um capitão, deveria ser de grande proveito n'um paiz onde tudo vai de fóra por subido preço; infelizmente não acontece assim, visto que a mão d'obra e o valor dos materiaes empregados, importam em muito mais do que a receita das officinas. No mesmo edificio, mas na parte do antigo convento, conhecido ainda hoje por — Collegio — é que se recolhem os pretos provenientes das apprehensões feitas pelos cruzeiros portuguezes, chamados por isso *libertos*, e não porque elles gozem da sua liberdade, porque não são para fazer algum serviço no Palacio do Governo, ou nas repartições publicas, e sempre acompanhados por soldados. Alguns vi tambem n'uma immunda enxovia que existe dentro do proprio estabelecimento.

É tão pouca a confiança que o Director tem n'esta gente, que quando os emprega no transporte de objectos de algum valor, costuma pôr-lhes umas gargalheiras de ferro que os prendem uns aos outros, e assim percor-

rem as ruas da capital comboios de pretos que muito se assemelham ás récuas dos nossos almocreves.

Existe ainda a capella mór separada do resto do edificio por uma divisão de madeira, e serve de deposito da agua para os *libertos* e operarios. Alli um d'estes, escondido atraz do altar mór, exerceu por algum tempo a honesta profissão de moedeiro falso, que já em Portugal tinha exercido com algum proveito, até que os nossos tribunaes pouco admiradores das bellas artes, o expatriaram para longe da Izabelinha, terra da sua naturalidade. O altar mór, é de mosaico, ido de Italia, e muito semelhante a um do Convento da Batalha. Apesar de muito sujo e mal conservado, não me pareceu deteriorado: apenas lhe faltam quatro bellas columnas torcidas, de marmore côr de rosa, que adornavam o retabulo, e que o Governador Fêo mandou tirar, para figurarem na construcção de um monumento para commemorar a aclamação d'El-Rei D. João VI, e o mau gosto de que era dotado.

O embellezamento da actual praça de D. Pedro V, perto do Palacio do Governo, onde se achava tão apreciavel monumento, exigiu a sua remoção para sitio mais adequado; por isso o apearam, e depositaram em monte a um lado da praça os materiaes de que se compunha. Ha annos que alli existem e naturalmente continuarão a existir, com o que nada se perde; seria no entanto conveniente que as columnas voltassem para o seu primitivo logar d'onde nunca deveriam ter salido, removendo-se aquelle altar mór, a melhor obra d'arte que existe em

Angola, para alguma igreja onde se lhe dêsse o apreço que merece.

Tambem lá encontrei, meio enterrado no chão e coberto com pontas e aparas de madeira, um lindo obuz de bronze, notavel pela sua grande antiguidade e bello desenho: — é uma peça muito digna de figurar n'um museu d'artilheria.

A Sé velha, que inculca ter sido um sumptuoso edificio, apenas tem hoje quatro paredes desmanteladas: depois de ter servido de curral, é agora o deposito de lixos e immundicias.

Estas ruinas pertencem tambem á cidade alta, na qual se acham os melhores edificios publicos, e para onde os primeiros Governadores tentaram chamar a povoação, porém os interesses commerciaes tiveram maior poder, e assentaram a cidade no sitio menos proprio para esse fim.

O convento de S. José, de que fallei quando lembrei a instituição de um seminario em *Loanda*, era tambem um bom monumento, e n'elle esteve por muito tempo o hospital militar, mas como se acha um tanto afastado da cidade, o Physico mór e mais facultativos, incommodados com este pequeno passeio que tinham de fazer — uma vez — por dia, entenderam que o melhor era desacreditar o local e edificio; e transportaram os doentes para o Hospital da Misericordia, onde de certo o Physico mór está mais á sua vontade do que os enfermos.

Não cheguei a visitar esse estabelecimento, porque me não agradam taes visitas; mas pelas informações que tive, é uma das repartições que mais notavel se tem tor-

nado tanto pela falta de aceio, como dos objectos mais necesarios para commodidade e bem-estar dos doentes.

No tempo das *aguas*, chove por toda a parte, e mais de uma pessoa me asseverou que os facultativos se viam obrigados, por vezes, a fazerem a visita aos doentes, de guarda chuva aberto. Póde ser que n'isto haja exaggeração; porém o que posso afiançar, é que tendo sido atacado da febre, um dos meus companheiros de viagem, e sendo obrigado a recolher-se ao hospital, por o não quererem conservar na casa onde se achava hospedado, depois de ter dado entrada no hospital, mandou pedir ao Governador, pelo amor de Deus, que lhe mandasse uma enxerga e lençoes, porque a cama que lhe tinham dado se achava em tal estado, que elle preferia morrer debaixo de uma arvore, do que deitar-se n'ella!

Nada posso dizer com fundamento do modo por que alli são tractados os enfermos; sei que o sulfato de quinineo é a base de todos os tractamentos, e d'elle se faz um consumo espantoso. As raras visitas do Physico mór ao hospital, obrigam-me a acreditar que aquelle estabelecimento não é mais do que um recolhimento para as pessoas atacadas de molestias, e que ninguem quer consentir em casa; um deposito de moribundos: — o ponto de tranzição da vida para a morte infallivel.

Feliz aquelle que se póde tractar em sua casa, e a quem Deus deu mulher e filhas estremosas que lhe prodigalizam os seus cuidados! O homem solteiro, que vive só com escravos, é sempre victima do abandono em que o deixam os seus servos, e algumas vezes os amigos com quem vivia.

Junto ao hospital está a igreja da Misericordia, e exteriormente não me pareceu mal conservada.

Existem ainda na cidade alta as ruinas do convento do Carmo e do hospicio de Santo Antonio, em parte habitado por alguns pobres, onde provavelmente se abrigam de graça: é um triste remedio de que podem um dia ser victimas.

Junto ao collegio ou repartição das obras publicas, vê-se o Paço do Bispo, que era o corpo principal do antigo convento dos Jesuitas, edificio bastante deteriorado, mas susceptivel de melhoramento. N'uma parte d'elle está estabelecida á Secretaria do Governo, que é uma das repartições que me pareceu mais bem montada. No andar terreo acha-se a imprensa da Provincia, onde se imprime o — *Boletim d' Angola*, — pequeno periodico semanal que publica os actos officiaes, e alguns annuncios. No mesmo pavimento servem uns quartos d'arrecadação ás companhias expedicionarias que d'aqui foram.

Pegado á Secretaria, e com communicacção interior, temos o Palacio do Governo, que é a obra mais solida que vi em *Loanda*. As madeiras empregadas na sua construcção foram todas do Brazil: só assim é que poderam dar ás salas, dimensões que não seria possivel obter com as madeiras da Provincia, as quaes, por falta de meios de transporte, são apparelhadas em dimensões tão acanhadas, que se tornam impossiveis construcções de grandes vãos.

No interior do paiz existem excellentes madeiras tão boas como as da America, taes como a *malanga*, *jaca-*

randá, páco, pau ferro, pau d'oleo, espinheiro, tacula, imbondeiro, cujo tronco serve de cortiço ás abelhas tão abundantes em Africa, que apesar do barbaro e absurdo processo empregado pelos naturaes do paiz para a colheita da cêra, sua producção não parece ter diminuido muito. Os pretos lançam o fogo ás tócas das abelhas, queimam enxames inteiros, perdem o mel, e deterioram a cêra, que poderia ser um dos mais bellos e mais rendosos productos das nossas colonias. Ha tambem a *gralha*, cujos ramos, apenas tocam no chão, pegam raiz, e assim vão com o decorrer dos annos reproduzindo em volta do tronco successivas galerias concentricas de uma belleza admiravel.

Os pretos por não fazerem uso da serra, e se verem obrigados a aparelhar tudo a machado e machadinha, escolhem sempre as menos duras e de menor bitola. Não ha nada mais curioso do que vê-los chegar ao mercado com taboas de quatro centimetros d'espessura, e de oito a dez metros de comprimento, desbastadas a machado e empenadas em todos os sentidos. Não é menos para admirar o modo extravagante que os indigenas empregam para as confeccionar, pois que para obter uma taboa, desperdiçam, reduzindo a cavacos, uma arvore que lhes poderia dar seis ou sete boas taboas, se empregassem a serra braçal. Dir-se-ia que praticaram no nosso arsenal de marinha!

O Palacio do Governo tem uma bella escadaria de dous lanços, dando para uma sala d'espera. Segue-se um salão de reuniões, taes como a da commissão mixta (na qual a nossa fiel alliada deveria ter um mais digno

representante), a que preside o Governador geral, mobilado *ad hoc*; e onde estão os retratos de D. João VI, D. Maria II, e de dous ou tres Governadores, sendo um d'elles o do Visconde do Pinheiro, de tamanho natural, fazendo *pendant* ao da Rainha; e o do celebre general, restaurador d'Angola, Salvador Corrêa de Sá Benevides, que em 1648 expulsou os Hollandezes d'aquelle territorio, que o Governador Pedro Cezar de Menezes não soubera conservar.

A este salão segue-se o do docel, ou de recepções officiaes, que é o melhor de todos, mas está adornado com demasiada simplicidade. Parallelamente a estas tres salas, que occupam toda a fachada do corpo principal do edificio, ha um corredor, á entrada do qual se acha o gabinete dos ajudantes d'ordens, e que dá comunicação para tres saletas particulares, sala de jantar, e habitação do Governador e de seus familiares.

A sala de jantar fica virada para o lado do mar, e d'ella se descobre grande parte da *ilha de Loanda*: é uma especie de varanda envidraçada de quinze metros proximamente de comprido por cinco de largo.

Todo o lado do Palacio exposto ao poente está mais damnificado, que o resto; sobre tudo a sala de jantar, que já tem parte do travejamento rendido. O telhado acha-se em tão mau estado, que das vinte oito repartições de que se compõe a distribuição interna, apenas na sala do docel é que não chove.

A quarta parte do espaço occupado pelo andar terreo está inutilizada: é uma enorme cozinha com dous grandes fornos, e numerosas fornalhas, em tudo propria de

um convento de Bernardos. Os modernos Governadores teem feito uso de uma cozinha que ha perto da sala de jantar, não só por maior commodidade, mas tambem para mostrar que se não come hoje tanto como antigamente.

Nas trazeiras do Palacio ha uns quintaes com algumas arvores, perdidas entre uma immensidade de hervas bravas e de plantas silvestres, entre as quaes abunda o carrapateiro, do qual se poderia tirar maior proveito, extrahindo o oleo de mamôna, que tão boa acceitação teria nos mercados da Europa, em vez de venderem o carrapato a granel como agora fazem. Esta planta nasce espontaneamente em todo o territorio da Provincia. O anil, esse rico producto tão procurado pelos differentes ramos da industria, cresce abundantemente, mesmo nos suburbios de *Loanda*. Os Jesuitas occuparam-se muito da extracção d'este producto, mas depois ninguem mais cuidou n'isso.

Junto ao Palacio do Governo está o quartel do 1.º de linha, que é composto de degredados *válidos*, e o dos destacamentos de caçadores. Este edificio, como todos os mais que pertencem ao Estado, ameaça desabar; parte d'elle já está abandonado.

Em frente depara-se com a casa da —Junta da Fazenda— obra solida, mas pesada e pouco elegante: tem cento e dez annos de existencia. Foi mal escolhido o local para a sua edificação, porque assim privaram o Palacio do Governo da magnifica vista que tinha para a bahia e cidade baixa.

Ao lado da casa da —Junta da Fazenda— existe a

cadêa, pequena construcção de um andar, que primitivamente serviu de casa da Camara, e me pareceu mais acçada exterior, do que interiormente.

Proximo fica o quartel da companhia dos artifices. Esta companhia é commandada por um alferes já maduro, e que não pertence ao corpo d'engenharia militar, apesar de usar d'esse uniforme. Estes artifices são na maior parte degredados: não ha entre elles um bom operario, e pareceram-me quasi todos não só veteranos, mas invalidos. Se artifice quer dizer — incapaz —, então a companhia de *Loanda* está perfeitamente organizada.

Concluirei esta ligeira descripção da cidade alta, mencionando a fortaleza de S. Miguel, onde está o telegrapho, collocada n'uma eminencia em frente da bahia, dominando toda a cidade baixa e parte da alta, e d'onde se avistam as embarcações apenas despontam em qualquer lado do horisonte: é n'ella que os officiaes cumprem o tempo de detenção, a que por vezes são condemnados. Uma das cortinas que ficam viradas para a cidade baixa, destacando-se um dia do resto da construcção, deixou-se escorregar pela encosta do monte, até que encontrou um obstaculo que a deteve no sitio onde agora existe.

Isto não nos deve causar admiração, porque em Portugal temos muitas fortalezas em peor estado.

Não tive occasião de visitar a fortaleza, mas ouvi dizer que não está mal conservada, faltando-lhe *apenas* artilheria soffrivel, porque tanto a que a guarnece, como a da fortaleza do Penedo, é tão ordinaria, que mal serve

para as salvas; comtudo manda a justiça que se diga, que as peças d'artilheria, tanto em *Loanda*, como em *Benquella*, e *Mossamedes*, tem feito o seu dever, e de maravilha se darão tantas salvas em parte alguma como por lá. A entrada e sahida dos cruzeiros estrangeiros, e os embarques e desembarques dos Governadores, são causa de se gastar muita polvora, que apesar de ser ordinaria, fica á Provincia pelo preço da boa.

Fallando com alguns sujeitos a este respeito, disseram-me, que um polaco de olho azul, governador de uma fortaleza, e que vive em Angola ha muitos annos, onde tem feito casa, costuma comprar quanta polvora avariada apparece para substituir com ella a que o Estado lhe fornece, a qual depois é vendida por bom preço, não só aos pretos do interior, mas até a certos logistas da baixa. — São *transferencias* que póde executar commodamente por ser o depositario de toda a polvora que os negociantes recebem para negocio, e que são obrigados a arrecadar no paiol da fortaleza de que elle é governador.

Estas falcatruas e muitas outras que taes, são vulgares em toda a costa d'Africa: creio poder dizer, sem grande risco de me enganar, que o são em todas as nossas possessões.

Ha em Portugal um funcionario publico, de quem me não declararam o nome, que gosa de credito, e que não deixou em *Loanda* a melhor reputação. Parece que este digno homem, quando teve a seu cargo o deposito de mantimentos da nossa estação naval, fazia ao vinho, á aguardente, e ao azeite a mesma operação que o

outro faz á polvora ; isto é, misturando agua e azeite de mendui n'aquelles generos. Foi assim que se juntaram alguns contos de reis, e se fez jus a certas distincções, como remuneração de serviços prestados ao paiz!

Desçamos agora á cidade baixa, e vejamos de relance quaes são os principaes edificios do Estado.

Temos em primeiro lugar a — Alfandega —, construcção de modesta apparencia, e de mui limitadas commodidades. As repartições occupam o unico andar, e ao rez da rua existem os armazens, que apesar de construidos com solidez, não teem a capacidade necessaria para arrecadar os objectos d'estiva, o que causa transtorno aos negociantes, que não teem em casa espaço sufficiente para recolher as mercadorias.

O actual Governador para remediar este inconveniente, e convencido de que será mais proveitoso para o commercio e para os interesses da Provincia utilizar o quartel de cavallaria, que está proximo da Alfandega, ou o edificio do Trem, tenciona dar em breve principio a uma obra de tão urgente necessidade. *Loanda* ficará então tendo uma Alfandega com sufficiente capacidade, e os direitos d'armazenagem hão de augmentar consideravelmente a verba de receita.

Defronte da porta principal da Alfandega é o caes de desembarque, com um guindaste para as mercadorias pesadas, que são transportadas n'um carril de ferro até aos armazens. O caes de desembarque, coberto com um telheiro muito simples e assaz elegante, é onde se reúnem alguns negociantes: — póde-se considerar o pasmatorio de *Loanda*.

Junto a esse caes estão as antigas escadas, e ainda alli existe a celebre cadeira de pedra, onde em outros tempos os Bispos se iam sentar para baptisar os escravos que embarcavam aos magotes. Já se vê que esse sacramento se concedia com menos apparatus do que se costuma em taes actos, porque aquelle era o principal ramo de negocio, e em negocio não ha tempo a perder.

Contaram-me que a cerimonia se fazia do modo seguinte :

Os pretos formavam na praia e esperavam o Bispo, que logo chegava acompanhado dos seus caudatarios, e dos ecclesiasticos que compunham o Cabido. Tomava assento na tal cadeira de pedra, debaixo de um toldo, que n'essas occasiões se armava, empunhava o byssope, e aspergia os pretos que se lhe apresentavam aos grupos de dez e doze, dizendo :

— *Em nome de Deus, eu vos baptizo João.*

A outro grupo dava o nome de *Pedro*, de *Paulo*, ou de qualquer outro santo que lhe viesse á ideia, e assim se ia enchendo um navio, onde os *Josés* e os *Franciscos* entravam ás duzias.

Este rapido systema de baptismos era muito rendoso para os Bispos e Governadores, que recebiam certa quantia por cada — cabeça —. Houve quem julgasse, que o baptismo era um pretexto para o Bispo assistir ao embarque, porém que o verdadeiro fim era contar as — cabeças — para que não houvesse logro no pagamento dos direitos da mitra. O que é certo, é que este simulacro de baptismo de nada servia, visto que os pretos vindos do interior, não entendendo o portuguez, fica-

vam ignorando os nomes que lhes tinham dado, pelo que forçoso era baptisal-os de novo quando chegavam ao Brazil.

Agora continuemos o nosso passeio pela cidade baixa, e antes de mais nada entremos no — Trem —.

Este nome a principio faz scismar a gente, porque se suppõe que em *Loanda* ha um arsenal bem provido de machinas e utensilios proprios para reparar com brevidade e economia qualquer avaria que um navio tenha soffrido. Enganam-se: no Trem não se concerta nada.

Houveram em tempo algumas officinas que serviam de capa a muitos roubos, até que um Governador julgou mais acertado mudar aquelle covil para a ilha, porque se não animou a acabar com elle por uma vez, como deveria ter feito, já que lhe não era possivel dar-lhe uma organização em harmonia com as necessidades e conveniencias da Provincia.

Actualmente o Trem não passa de uma arrecadação onde se recolhem varios objectos do Estado a cargo do Almojarife, especie de conego secular, pertencente á grande familia dos improductivos, tão numerosa no Ultramar.

Angola não póde prosperar em quanto não tiver em algum dos seus portos, um estaleiro de reparação bem montado, e um material capaz de poder executar qualquer concerto, que seja exigido tanto pelos nossos navios, como pelos estrangeiros; sem isso mal se poderão conservar alli vapores para as viagens da costa, que tão proveitosos deveriam ser para o commercio e para o Estado.

Nunca me ha de esquecer, que tendo chegado a *Loanda* um dos nossos vapores de guerra com um mastaréo rendido, e desejando o commandante substituil-o por outro, viu-se em taes apuros que teve de mandar operarios de bórdo para ajudar os das officinas da ilha; quando não teria ficado sem mastaréo. Não é portanto para admirar que o vapor — *Maria Anna* — se visse obrigado a ir ao Cabo da Boa Esperança compôr as caldeiras.

Se *Loanda* fosse possessão ingleza, é provavel que alli houvessem todos os preparos indispensaveis para concertos, e até para construcções navaes, mas sendo portugueza, como ha de ella possuir aquillo que em Lisboa apenas é um arremêdo do que deveria ser!

Deixemos o Trem, de celebre memoria, e vejamos a ermida da Nazareth, cuja capella mór é forrada d'azulejos representando a grande victoria alcançada em 1666 pelas nossas tropas sobre as do Rei do Congo, que n'essa refrega perdeu a cabeça.

Vamos espalhar a melancolia que o Trem nos inspirou por este bonito caminho que se nos apresenta: é uma bella estrada arborizada que se dirige ao passeio publico da ponta da Isabel. O sitio é aprazivel: aqui temos a *Quitanda pequena*, lugar de tristes recordações onde o algoz por varias vezes tem exercido o seu odioso cargo, e que serve igualmente de mercado. Seguem-se umas habitações assaz elegantes, a que chamam casas de campo.

Onde nos conduzirá esta estrada que vamos seguindo? Ah! já sei: — eis-nos na fortaleza do Penedo, as-

sim chamada por ter sido construída em cima de um penedo batido pelo mar. A linda vivenda que avistamos é a do governador, o tal polaco de quem ha pouco fallei.

A fortaleza não está mal conservada; a artilheria já disse como se achava, precisando toda de reforma, porque as mesmas peças menos deterioradas estão sem reparos. O excessivo calor, e o *salalé*, destróem em pouco tempo todas as obras de madeira, o que se poderia evitar montando a artilheria sobre carrêtas de ferro, havendo cuidado de as conservar pintadas ou envernizadas.

Mas quaes são as attribuições do governador da fortaleza? Tem varias. Manda dar as salvas com a polvora que nós sabemos; para não deixar os soldados na ociosidade, manda-os trabalhar em casa d'elle em differentes arranjinhos, e cobra os direitos d'entrada que tem de pagar todos os generos que os pretos introduzem na cidade quando n'ella entram por aquelle lado, seguindo a estrada de Cacucaco. Na arrecadação dos direitos leva o rigor a tal ponto, que um dia pretendendo ficar com tudo o que os pretos traziam, estes abandonaram *quibutos*, *mucatas*, bois e cabritos, e correram ao Palacio implorar o auxilio do Governador geral. Este excesso de zêlo esteve para lhe ficar caro, porém o bom do homem é como os gatos, — cáe sempre de pé.

Ainda ha uma terceira fortaleza para visitar: é a de S. Pedro da Barra, mas fica distante, e em *Loanda* não se podem dar grandes passeios a pé.

Regressemos á cidade, e de passagem lancemos uma

vista d'olhos sobre o Terreiro construido em 1765 pelo Governador Souza Coutinho, onde os pretos depois de dizimados pelo governador da fortaleza do Penedo, vem expôr á venda os restos que lhes deixa da farinha, feijão e milho.

Os generos que vi vender no mercado da *Quitanda* são os seguintes :

Gallinhas, carne de porco e toucinho muito ordinario, farinha de mandiôca, e fuba (que é outra farinha mais ordinaria), bananas, mangas, beringellas, cajú, laranjas verdes, massango, côcos, goiavas, peixe salgado e fresco, couves muito más aos raminhos de cinco folhas, ovos e uma infinidade d'acepipes de duvidosa apparencia, de que fazem uso os pretos e a gente ordinaria.

Além d'estes generos, os pretos tambem trazem ao mercado esteiras de palha e de palmar, objectos de barro muito grosseiros, tecidos d'algodão conhecidos pelo nome de *pannos da costa*, lenha, passaros, caça, macacos, tabaco em folha, e varios objectos de ferro toscamente fabricados.

É provavel que o mercado offereça variedade de generos nas differentes estações: o que acabo de mencionar é o que vi vender na força do verão (Fevereiro e Março).

Alli temos um edificio pequeno sim na extensão, mas grandioso na intenção: é o — Asylo da Infancia — ou de — D. Pedro V. — Não o cheguei a visitar, mas ouvi-lhe tecer elogios; é o unico estabelecimento de beneficencia que existe em Angola, não fallando no hospital da Misericordia, e faz honra áquelle que tomou a

iniciativa para se levar a effeito tão util instituição, e não menos aos que concorrem para a sua sustentação.

Os pretos forros que se occupam em carretos e na venda a retalho de diversas miudezas, vivem em dous bairros bem distinctos, compostos de *cubatas* espalhadas a esmo: um fica situado na fralda do morro da fortaleza de S. Miguel, e o outro junto á praia do *Bungo*.

Loanda tambem tem o seu theatro particular, onde representa uma sociedade de curiosos. Fui convidado para uma representação, mas preferi privar-me d'esse divertimento, que não compensa o incommodo que se soffre por causa do excessivo calor.

O divertimento favorito dos habitantes d'aquella terra não me pareceu ser o theatro, por isso duvido que tão agradável recreio se possa sustentar: professam todos um grande culto pelo baralho e alguns levam a veneração a ponto de lhe fazerem o sacrificio dos seus haveres.

Como toda a acção má necessita ser encoberta por outra aparentemente louvavel, imaginaram um meio d'attrahir á banca muita gente que talvez lá não fosse se soubesse para o que ia. Esse meio é o das rifas de varios objectos, cujo producto é sempre destinado a socorrer algum necessitado. Fazem-se os convites, marca-se a hora, e no dia aprazado procede-se á extracção dos premios; mas o dono da casa é sempre obsequiador e muito mal lhe ficaria se deixasse sahir os convidados sem os reunir á sua mesa, onde lhes offerece uma merenda ajantarada, consistindo n'uma immensidade de pratos e de numerosas garrafas de vinho generoso. Con-

cluida a merenda, e quando os convivas se acham já sufficientemente entusiasmados, apparece um baralho — para brincar um bocado — e matar o tempo. Os curiosos agrupam-se em volta do banqueiro, deixam-se tentar, e é então que os patáus pagam bem caro o Porto que beberam.

Em Angola, principalmente no *Ambriz*, joga-se muito: ha casas onde a banca é permanente; o banqueiro só se levanta para tomar algum alimento, mas fica substituido por um socio. Este maldito vicio é causa da ruina de bastantes pessoas e da má conta que varios negociantes tem dado de si.

Julgo a proposito dizer algumas palavras, relativamente ao modo de negociar em *Loanda*, e geralmente em toda a Costa d’Africa.

Os generos importados para uso tanto dos europeus, como dos indigenas, pelos portuguezes, inglezes e americanos dos Estados-Unidos, são pouco mais ou menos os seguintes:

Vinho, vinagre, aguardente de canna, cognac, genebra, licores, cerveja, manteiga de vacca, presuntos e carne ensacada, azeite d’oliveira, farinha triga, fructas seccas e de conserva, sardinhas de Nantes, assucar de canna e de beterraba, cebolas, alhos, massas para sopa, chá preto e verde, macella, queijo, conservas de legumes, roupa e fazendas brancas, fato feito, chapéos de seda e de palha, luvas brancas, calçado, charutos e tabaco, cartas de jogar, espingardas, polvora, ferragens ordinarias e ferramentas, louças, vidros, cassas, chitas, sabão, stearina, louça de barro, relogios de bolso e de

parede, drogas e tintas, madeira de pinho americana, oleo de linhaça, fazendas d'algodão de côres, missangas, lenços de côres, chumbo, ferro, cobre, estanho, folha de Flandres, bezerro, vitella, carneira, cabos, cordas, barbante, alcatrão, breu, pregaria e cutelaria, objectos para adorno de casa, papel de differentes qualidades, palitos, phosphoros, carvão de pedra, alguma mobilia, e differentes artigos de toilette.

Os generos de exportação são mais limitados, mas não menos importantes; resumem-se nos seguintes:

Urzella, marfim, abada, carrapato, azeite de ginguaba e de palma, café de *Cazengo* e de *Encôge*, cêra, gomma copal, chifres, couros seccos, dentes de cavallo marinho, e algum algodão.

Este ultimo artigo dá-se perfeitamente na Africa. A importancia que este rico producto deu aos Estados-Unidos, chegou a ponto de seus habitantes, apesar de republicanos, o appellidarem *REI*, talvez por tornar a *Gram-Bretanha* sua feudataria. Os inglezes, para conjurar a crise industrial que parece querer ameaçal-os, e que a desunião entre os *Yankees* tende a apressar, tem aconselhado a cultura do algodão em todos os paizes em que se dão as necessarias condições atmosphericas para conseguir livrar-se d'aquella perigosa tutella.

As amostras d'algodão vindas da costa d'Africa provam a boa qualidade d'aquelle genero, e ainda que não possa competir, por em quanto, com algumas das melhores qualidades dos Estados-Unidos, já é muito superior ao da India, principalmente na limpeza.

A costa d'Africa póde em poucos annos crear im-

menos recursos com a cultura do algodão, concorrendo para abastecer em grande parte os mercados da Europa.

Desde que ha a carreira de vapores, estabeleceu-se um novo ramo de commercio, que parecendo á primeira vista insignificante, deixa comtudo no fim do anno bastante interesse em *Loanda*, e principalmente em *Benguella*. Esse negocio é o dos passaros de variadas e lindas côres, que se encontram em grande quantidade na costa d’Africa, sendo os mais notaveis: os papagaios cinzentos, periquitos escarlates, viúvas, januarias, cardeaes, bigodes, cospe fogo, bicos de lacre, bicos de prata, monsenhores, bengalinhas, maracachões, palanques, peitos celestes, tecelões, e canarios.

Não fallo nos productos das famigeradas minas do *Bembe*, por ter ouvido dizer que a maior parte do minerio extrahido é preto, e improprio para os mercados da Europa.

Passemos ao modo usual de fazer as transacções commerciaes.

Os navios que carregam para Angola visitam ordinariamente quasi todos os nossos portos, porque nem sempre acham n’um só, sahida para toda a carga. Apenas fundeados, apresentam-se logo a bordo os negociantes mais *espertos* para tractarem parte do carregamento, ou qualquer dos artigos que lhes faz mais conta. Nota-se que os mais empenhados na compra são quasi sempre aquelles que menos dinheiro teem, e gozam de peores creditos. A tactica seguida, é dizer mal ao capitão do navio, ou consignatario que vier a bordo, das pessoas para quem trouxerem cartas, ou que se acharem pre-

sentes para contractar. A ouvil-os, não ha um só que tenha dinheiro: este está empenhado até ás orelhas; aquelle metteu-se em transacções arriscadas com um socio do Brazil, do qual já se não reza bem; aquell'outro tem perdido ao jogo quanto possuia, e viu-se obrigado a reformar umas letras, que não tardam a ser protestadas; — emfim não ha infamia a que não recorram para desacreditarem os concorrentes, e obterem por esse modo, por um preço favoravel, os generos que pretendem.

Notei que em Angola de ordinario se mente muito: é um habito de certo devido á frequente convivencia com os Americanos.

Depois d'estas visitas, que são sempre acompanhadas de convites para almoçar, ou para jantar, embora em casa não haja com que mandar comprar o pão ao padeiro, e quando o espirito do capitão se acha mais socegado da má impressão causada pelas terriveis noticias que acabam de lhe dar, dirige-se para terra, e procura as pessoas a quem vai recommendado. Se offerece a fazenda, fazem-lhe propostas inaceitaveis; se a não offerece e se quer desfazer d'ella, como acontece a todos, tem de entrar em ajuste com os *espertos*. O vendedor não deixa de conhecer o quanto é critica a sua posição, porém prefere o risco a um prejuizo certo.

Em Angola ha pouco dinheiro: — vêem-se raras libras e alguns dollars americanos; o resto é em moeda papel, ou *cedulas* de mil, dous mil e quinhentos, e cinco mil reis, moeda immunda, que o Governo deveria ha muito ter tirado da circulação, mesmo por ser tão facil

de falsificar, que admira que algum habilidoso se não dedicasse ainda a esse trabalho.

O dinheiro em cobre são *macutas* e *quipacas*, de que ha uma immensidade de differentes tamanhos e feitios, com carimbo e sem elle.

Julgo que foi n'uma época em que o numerario fallhou, que o Governo decidiu dobrar o valor á moeda de cobre, pondo-lhe um carimbo pessimamente executado e de tão facil imitação, que varios sujeitos carimbaram em casa todo o dinheiro que puderam apanhar, dobrando o valor ao cobre que tinham, quando isto não devia ter lugar senão depois de lançado em giro pela Junta da Fazenda. Como porém em Angola os artistas de merecimento são ainda mais raros do que o dinheiro, aconteceu que os carimbos sahiram de diversos feitios.

Tambem foi preciso em tempo, para facilitar as transacções, cortar as moedas de prata em quatro, para augmentar os miudos que falhavam no mercado; pois d'isto mesmo tiraram partido alguns matreiros, cortando as moedas em cinco ou seis partes, operação que não foi pouco lucrativa. Antigamente era moeda corrente e ainda se servem para o interior, d'uns tecidos de palha muito perfeitos, a que dão o nome de *libongos*, e já se fez grande uso de uma certa qualidade de buzios, que se achavam na *ilha de Loanda*, chamados *zimbo*s; actualmente ainda se considera boa moeda, o sal mineral das magnificas minas da *Quissama*, que os indigenas extrahem em palhetas de palmo de comprido, e de duas a tres pollegadas de diametro.

É provavelmente, por haver pouco dinheiro, que to-

das as transacções se effectuam em trocas, mas assim mesmo não se julgue que o pagamento seja menos moroso. Quando o capitão do navio perdeu de todo a esperança de realisar a venda a prompto pagamento, entra em ajuste a prazos, meio pelo qual sempre se consegue vender seja que artigo fôr. Como os prazos são longos, e quando Deus quer eternos, tracta o vendedor de dar ás fazendas dobrado valor d'aquelle por que as cederia a dinheiro. O negociante o que pede é tempo — o preço pouco lhe importa — e já se vê, que este augmenta na proporção do prazo estipulado.

Esta indiferença pelo preço da fazenda explica-se bem: alguns compram já com a firme tenção de não pagarem, e apresentam-se fallidos nas vespas das letras.

A maioria dos negociantes, com quanto gosem da fama de serem ricos, e de girar com muitos contos de reis — phrase usual — não passam de uns commissarios, que recebem fazendas para vender no interior, e só podem satisfazer os seus compromissos quando são embolsados das vendas que igualmente fizeram a prazos, que ás vezes n'estas transacções são de dous, tres, e mais annos. Ahi é que vai o mal, porque o credor nem sempre se acha no paiz na época dos pagamentos, e os jantares e o jogo vão pouco a pouco absorvendo os lucros, e o valor das fazendas.

É raro tambem encontrar credores que se não lamentem na occasião de saldar as suas contas; só então é que reconhecem ter comprado caro; não houve fazenda que se lhe não avariasse, e em que não perdessem. Es-

tas choradeiras tornam-se, por assim dizer, uma operação mercantil, porque dão sempre um resultado de dez a quinze por cento d'abatimento. Apesar d'esse rebate, o credor ainda lucra por causa do preço elevado por que vendeu. Felizes aquelles a quem se offerece occasião de fazerem d'essas concessões, porque é signal que lhes pagam.

As fazendas destinadas para o interior, são enviadas por carregadores aos socios ou correspondentes estabelecidos nos differentes presidios, ou entregues a corretores mulatos, chamados — *pombeiros* — e — *aviadas* —, que se encarregam de correr as povoações e as feiras do interior, hoje pouco frequentadas, e de effectuar as trocas. Estes amigos desaparecem ás vezes com o santo e com a esmola: — então a quebra do negociante é certa.

Estas operações levam tempo infinito a realizar por causa das distancias enormes que as fazendas tem de percorrer, e dos pessimos meios de transporte de que podem dispôr os taes corretores.

Na venda a retalho, tanto em *Loanda*, como nas mais partes da Provincia, são todos os generos falsificados sem dó, nem consciencia, e d'ahi resulta morrer muita gente envenenada, com fama de febre amarella; se fizessem uma analyse rigorosa aos differentes generos expostos á venda, haviam de apparecer composições tão aterradoras, que os proprios Borgias as teriam invejado.

A genebra, por exemplo, de que fazem muito uso para misturar na agua, é uma mixordia de agua salgada,

cachaça, e agua raz. A base de todas as composições para licores é a agua raz!

Os direitos prohibitivos que pesam sobre os vinhos de quaesquer procedencias, influem provavelmente para que o negociante de uma pipa d'elle já impuro, faça tres ou quatro detestaveis, e como sabem que em Angola o que se pretende são vinhos fortes, preparam um — vinho do Porto — pouco mais ou menos pela seguinte formula:

Vinho qualquer impuro.	25
Agua de cacimba, ou do mar com infusão de campeche.	60
Agua raz.	10
Infusão de pimentinhas (malagueta)	5
	<hr/>
	100

Não é só na botica que se vendem os causticos, e facilmente se avaliam os estragos que semelhantes elixires devem causar á saude.

Regra geral: em Angola todo o vinho é do Porto, tenha elle o gosto, a côr, e a procedencia que tiver. Talvez assim lhe chamem, por causa da grande quantidade d'agua que lhe misturam... no *porto* do desembarque. Se não ignorassem absolutamente o que é vinho do Porto, de certo que me não teriam apresentado com a melhor boa fé, e com particular recommendação, uma garrafa com o seguinte distico:

*Vinho do Porto da fabrica do Brito de Santa Appolonia.
Lisboa.*

Parece-me que o unico genero que se usa puro, é o assucar de beterraba, por ser vendido em fôrma, ou aos bocados, e não poder por isso soffrer preparação.

Esquecia-me tocar n'outro artigo que encontrei pessimista, por toda a parte onde andei em Angola. Quem sáe de Portugal affeito a soffrer as prepotencias e cynismo dos contractadores do tabaco, imagina que vai regalar-se de bom fumo e barato, mas engana-se, porque o Brazil só para alli manda tudo o que fabrica de peor, e os Estados-Unidos apresentam charutos quasi tão maus como os do nosso Contracto, com a unica differença de que ao menos ardem, o que já não é pouco. É facil fumar bem pedindo a alguém, que tenha correspondente no Brazil, para mandar vir charutos bons, mas ficam bastante caros. Os cigarros fabricados em *Loanda* com tabaco do paiz, ou americano, são tão maus, que por varias vezes ouvi fallar com saudades do nosso cigarro bregeiro!

Os pretos e as pretas fumam o tabaco da terra sem preparação alguma, em cachimbos de madeira compridos e mal feitos. As pretas ainda fumam mais que os pretos, e é tal o apêgo ao vicio, que na falta de tabaco fumam toda a casta d'herva sêcca, e com particularidade uma que exhala um cheiro nauseabundo.

Houve antigamente um fabricante de charutos no *Golungo*, mas actualmente parece-me que ninguem se dedica a essa industria, que só poderá prosperar quando o nosso Governo se convencer, do quanto é immoral, estar enriquecendo meia duzia de homens á custa da nação inteira.

Entre muitas curiosidades dos usos e costumes d'Angola, a que impressiona bastante os europeus logo ao desembarque, é o vehiculo de que se servem os bran-

cos e alguns pardos. Em *Loanda* não ha, que eu saiba, senão um caleche puxado por duas mulinhas, pertencente ao negociante Flôres, uma das firmas mais acreditadas d'aquella praça; apesar d'isso pouca gente anda a pé, principalmente de dia. O fortissimo calor do sol, e o das areias da cidade bñixa, são dous inimigos terri-veis, que convém evitar, assim como as cacimbas, ou orvalhos da noite.

O meio de transporte de que se servem é o da *machilla*, especie de palanquim suspenso, servido por dous pretos. Farei a descripção d'este traste, que faz parte de todas as mobílias, e que não deixa de apparecer em todos os leilões, que frequentemente se fazem, tanto por motivo de retirada, como de fallecimento.

A base que serve de assento póde comparar-se á de um camapé de palhinha, de metro e meio de comprimento, e setenta centímetros de largura. N'uma das extremidades, mas de um só lado, e no sentido longitudinal, tem um apoio tal qual o dos nossos camapés, para servir d'encosto ao braço. De cada uma das extremidades partem cinco cordões, que atravessam a grade de madeira, e vão reunir-se, na altura de pouco mais de um metro, a umas argolas que se introduzem em dous gan-chos fixados n'um tronco de palmeira, a que chamam *tunga*, e que é digna de reparo pela sua solidez e nota-vel leveza. Sobre ella prende um docel, de dimensões pouco maiores que as da base, guarnecido em volta de um bambolim, para esconder os arames em que correm duas cortinas de chita adamascada de côres muito visto-sas. Os pretos põe aos hombros as extremidades da

tunga, e como então o assento fica apenas arredado do chão uns trinta centímetros, tem a gente de se baixar para entrar para a *machilla*, onde se senta com as pernas estendidas, como quem está n'um banho de tina.

Os pretos carregadores marcham um diante do outro, mas nunca de modo que o de traz siga as pisadas do que vai na frente. Quem estiver no meio d'uma rua e veja ir uma *machilla* diante de si, descobre perfeitamente os dous carregadores, e até quem vai dentro d'ella.

Os pretos gostam muito de trazer na mão uma chibatinha, ou um cacetinho curto, principalmente os carregadores, que parece ao andar equilibrarem-se com elle, levando-o de braço erguido como uma espada. Alguns usam um pau curto com uma bola na extremidade, e que nas suas mãos é uma arma terrivel, atirando-a a grandes distancias tão certamente, que chegam a matar caça.

A primeira vez que entrei n'uma *machilla* senti grande repugnancia ao vêr-me transportado por dous homens alagados em suor, tremendo-lhes as pernas, com o corpo exposto ao sol ardente, apenas resguardado por uma tanga, e com os hombros retalhados pelo varal: saltei indignado fóra d'ella, e segui a pé para a cidade alta.

O balanço que se sente ao andar é agradável como o de um catre, a bordo de uma embarcação; comtudo este meio de locomoção não deixa tambem de ter seus inconvenientes. Se por ventura um preto tropeça e cae, ou que a *tunga* quebra, tem a gente de soffrer não só a

quéda, mas tambem a pancada do varal n'um hombro, ou na cabeça. Já não fallo nos terriveis encontrões que se leva ao subir as fortes rampas da cidade alta, devidos á pequena altura entre o chão e o assento da *machilla*.

Não sei o motivo porque ha tão poucas cavalgaduras em Angola: durante o tempo que estive em *Loanda* não vi mais de dous cavallos particulares. É pena que a caudalaria do Estado, ha muito estabelecida no *Dande*, não tenha produzido melhores resultados, porque poucas terras tenho visto mais apropriadas á creação da raça cavallar. Os cavallos do esquadrão de *Loanda* estão tão bellos, tão nutridos, e tão folgasões, que os soldados mal os podem conter debaixo de fórma.

Angola parece ter sido destinada para cavalgaduras, e não para gente: é talvez por essa razão, que certos empregados, cuja intelligencia pouco differe da d'aquellas, tem vivido alli quinze e vinte annos sem padecerem incommodo de maior.

Disseram-me que existe no interior uma qualidade de mosca venenosa chamada *tsé-tsé*, que é um verdadeiro flagello para os animaes, e talvez isso influa no pouco apreço que os habitantes dão ás cavalgaduras. A falta d'ellas faz com que as viagens para o interior sejam igualmente feitas a hombros de carregadores, n'umas redes como as que usam no Brazil para dormir, e a que dão em Angola o nome de *tipoia*, que tambem vai pendurada á *tunga* do mesmo modo que a *machilla*, porém fica mais desviada do chão; nunca vi nenhuma que tivesse docel, nem cortinas, mas ouvi dizer, que em jornada as cobrem com uns pannos passados por cima

das *tungas*, a fim de resguardar o viajante dos raios do sol. A *tipoiã* contém sempre um enxergãosinho e travesseiro, porque n'ella se vai deitado. Dizem que é o melhor modo de viajar: — não o contesto, mas parece-me excessivamente massador, e uma longa viagem de dez ou quinze dias deve ser enfadonha ao ultimo ponto. Á noite suspende-se a *tipoiã* a duas arvores, e assim dorme o viajante em sitios êrmos, para evitar de ser victima das fêras, senhoras d'aquelles vastos sertões.

Em quanto se não abrirem alguns caminhos para o interior, que facilitem a passagem a qualquer vehiculo puxado a mulas, os transportes das mercadorias hão de sempre ser caros, e chegar desfalcados aos seus destinos; e as tropas continuarão soffrendo todas as privações durante essas aterradoras marchas, que tantas victimas tem causado. Sei que é uma difficilissima empreza, mas o Governador geral não recuará diante d'ella, se o Governo da metropole lhe ministrar como deve os meios necessarios para levar a effeito tão proveitoso trabalho.

A falta de commodidades nota-se tambem nas habitações, que achei mal construidas, e pessimamente distribuidas. A maior parte das casas de *Loanda*, assemelham-se ás que em Portugal se alugam no tempo dos banhos, nas terras do littoral. Por falta de madeiras com boas dimensões, vêem-se obrigados a distribuir as salas em pequenos vãos, o que é terrivel n'um paiz de clima abrasador. Algumas casas tem o andar terreo ladrilhado, unico de que o predio muitas vezes se compõe; não obstante isso estabelecem ahi os quartos de dormir, onde se deitam transpirando e agitados por to-

da a casta d' excessos, sem se lembrarem que essas habitações são anti-hygienicas, e que a demasiada frescura, que ao alvorecer n'ellas se sente, é uma das causas principaes das febres, devidas á suspensão da transpiração, estado este, que apesar de debilitante e desanimador, convem conservar constantemente.

Diz certo author, que ha povos nas regiões tropicaes, que em vez do comprimento habitual: — *Tem passado bem?* costumam dizer: — *Tem suado bem?*

Isto é perfeitamente entendido, e proprio das localidades onde a frescura da cutis é um signal evidente de molestia.

É muito para sentir que as habitações sejam tão mal construidas, e tão pouco apropriadas ás necessidades d'aquelle paiz, porque a habitação influe de um modo notavel sobre o temperamento e bem-estar do individuo. Mas como é possivel que estas casas, que na maior parte pertencem a orphãos, tenham os arranjos necessarios, ou n'ellas se façam melhoramentos, se os tutores não authorisam os simples concertos que a conservação do predio exige!

Quando o Governador Franco fez entrega ao actual Governador, disse-lhe n'um breve discurso, que proferiu n'essa occasião: — *V. Ex.^a encontrará de certo muitas faltas: só verá ruinas por todos os lados,* — e é verdade. Oxalá que esta declaração, de uma excessiva sinceridade, sirva um dia para attestar os serviços prestados pelo activo e intelligente cavalheiro, que preside aos destinos d'aquella Provincia.

Ha porém duas cousas que concorrem poderosa-

mente para a ruina de todas as construcções: uma é facil de remediar — a outra quasi impossivel.

A cal que empregam na argamassa, á excepção da que vem do *Dande*, não é, como em Portugal, de pedra calcarea. Na occasião das vasantes, e quando uma grande parte das areias, que tem assoreado a barra da *Corimba*, do lado do sul da fortaleza de S. Miguel, ficam descobertas, vê-se todos os dias certo numero de pretos saltar das suas canôas, que deixam ficar em sêcco, e apanhar, durante o tempo que dura a vasante, todas as conchas que podem descobrir n'essas areias, e transportal-as depois para uma pequena praia proxima, onde as depositam em rimas para serem queimadas quasi pelo mesmo processo empregado para cozer o sulfato de cal. Essas conchas, extrahidas do fundo da bahia, contêem sal em tão grande quantidade, que a operação da queima não é sufficiente para o destruir completamente, o que bastaria para produzir uma argamassa de má qualidade. Não satisfeitos com isso, notei que a extincção, ou por outra, a operação de reduzir a cal a pó, é feita com agua salgada, por ser a que lhes fica mais á mão.

Parece que toda a pessoa de bom senso que visse preparar esta cal, renunciaria logo em fazer uso d'ella, mas não o entendem assim, e não só a empregam, mas até fabricam a argamassa, misturando-lhe areia salgada tal qual a vão buscar ao rio!

A pedra de que se servem nas construcções é muito má; ha-a de duas qualidades: uma é um grés sumamente tenro, e a outra uma especie de lodo mal petrificado, muito semelhante na côr ao tripoli. Nas ruinas

dos quarteis do castello de Palmella existem ainda padieiras e umbreiras de portas já muito carcomidas, que em tudo se assemelham á pedra de que acabo de fallar.

Não é difficil ajuizar do effeito que deve produzir uma argamassa carregada de sal marinho, sobre uma pedra tão atacavel. Em poucos annos começa a obra a cahir aos pedaços, e a desfazer-se em pó excessivamente fino, formando immensas cavidades, que compromettem a segurança da construcção. N'esse estado é que se acham quasi todos os edificios publicos, e bastantes predios particulares, que debalde tentam mascarar com novas camadas d'argamassa. Este mal tem um remedio facilimo, lavando bem as conchas e areia em agua doce, e conseguindo fazer uma boa argamassa, abandonar a pedra, e empregar nas construcções o tijolo, para o que tem excellentes barros.

Á segunda causa de destruição só se obstaría adoptando o ferro nas armações e travejamentos, como estão usando em França, visto que as madeiras apresentam tão pouca duração.

O *salalé* em terra, e o *taré* no mar atacam todas as madeiras, e destroem-as com uma rapidez vinte vezes maior do que o faria o caruncho. A bibliotheca do Bispo, que contém talvez cerca de dous mil volumes, está quasi destruida pelo *salalé*, o qual, depois de ter atacado as estantes e as encadernações, proseguiu devorando, com a avidéz de um verdadeiro bibliophilo, os classicos latinos, e os doutores da igreja.

Teem tentado todos os meios para afugentar esses insectos damnhos, mas nada conseguiram; talvez que

se preparassem as madeiras pelo systema Boucherie, Bethel, Payne, ou qualquer outro, obtivessem algum resultado satisfactorio. Em todo o caso o emprego do ferro parece mais vantajoso; mas seja qual fôr o systema que adoptarem, em quanto se não dedicarem seriamente ao estudo d'esta questão de tanta transcendencia, terão de vêr ruinas eternamente em *Loanda*.

A não ser em *Mossamedes*, creio que no resto da Provincia d'Angola nunca se poderá esperar que os seus habitantes construam confortaveis habitações. Aquelles que para lá vão estabelecer-se não fazem tenção de fixar perpetuamente a sua residencia n'um paiz onde falta tudo o que concorre para o bem-estar do homem, e onde só abundam os incommodos; todos levam em vista ganhar meios com que possam vir para a patria passar remediadamente o resto dos seus dias, e se edificam, contentam-se em fazer obras que durem em quanto são precisas, e que possam vender na occasião da retirada, embora ellas caiam no dia seguinte.

Note-se que tudo quanto tenho dito relativamente a construcções, entende-se só com os edificios e predios urbanos da capital, por ser onde elles existem em maior numero, e com maiores dimensões, porque tudo quanto é construido longe da vista do Governador geral, e debaixo das ordens dos governadores dos presidios, homens quasi sempre leigos n'esta materia, não passa de curraes, compostos de *tungas* e *bordões* mergulhados em barro, e cobertos de ramos de palmeiras.

Se fosse possivel colligir todos os officios dos governadores dos districtos a respeito d'essas construcções, e

de outras não menos caricatas a que chamam — fortes —, estou bem convencido, que a leitura de todos esses bellos relatorios faria acreditar a quem tem tido a felicidade de nunca ir a Angola, que Paris e Londres não possuem monumentos iguaes áquelles, e feitos com maior economia.

Baratos ficam elles, d'isso tenho a certeza; e mesmo não vejo como podessem ficar caros, mas desgraçadamente a Nação paga-os bem pagos.

Que querem? Para que se sujeita tanta gente a ir para a costa d'África: não é para fazer fortuna?

Os ordenados são pequenos, e nem todos tem coragem bastante para dizer que pelo preço lhes não serve tal officio. Ora quem se sacrifica assim pela prosperidade das nossas colonias, torna-se merecedor, não só dos maiores elogios, como tambem de algumas recompensas honorificas. Póde ser que ellas sejam bem merecidas, mas o que é certo é que as taes construcções resistem perfeitamente... em quanto não cáem, com tanto que lhes não chegue agua pela raiz (não emprego a palavra alicerce, porque é cousa que lá não ha), quando não acontece como aos monumentos do *Ambriz*, que se *derreteram* um bello dia com tal rapidez, que os empregados para salvar os livros e mais papelada das repartições publicas, viram-se obrigados a andar a pescal-os, e a estendêl-os ao sol!

O Governo da metropole é o unico culpado n'estes desvarios, pela má escolha que ordinariamente faz dos empregados que manda para o Ultramar.

Quando qualquer rapaz, d'esses que se dizem do

tom, depois de ter gasto em jantares, deboches, e jogatina a fortuna que seus paes lhe deixaram, se vê perseguido pelos credores que vem substituir os amigos, que n'estas occasiões batem sempre em retirada, a sua primeira ideia é dirigir-se a alguma pessoa influente, e com quem tivera relações, pedindo-lhe um emprego. Como nem sempre os ha, nem é conveniente invental-os para todos os dias satisfazer a espantosa quantidade de pretendentes, o individuo a quem é feito o pedido para mostrar os seus bons desejos, e quem sabe, talvez para se vêr livre do importuno, offerece-lhe um emprego para o Ultramar, falla-lhe em Angola, que é uma cousa que está muito em moda, em ordenados de contos de reis — sem lhe explicar se são fortes ou fracos —, faz-lhe uma pomposa descripção de *Loanda*, e conclue dizendo-lhe:

— «Eu, em seu lugar, acceitava já. Olhe que aquillo não é tão mau como por ahi se diz. Se o senhor se souber governar, dentro de tres ou quatro annos póde juntar uma pequena fortuna, e tornar a levantar cabeça; — mas faça o que quizer — eu não lhe digo nem que vá, nem que fique. Consulte fulano e sicrano (empregados quasi sempre do ministerio da marinha), que já lá estiveram, e veja o que lhe dizem.»

As informações são sempre boas: o pobre diabo, apertado de dôr d'ilharga pelos credores, resolve acceitar; recebe na Pagadoria um adiantamento, ao qual lhe descontam, in continenti, os emolumentos da secretaria, que absorvem grande parte do adiantamento, veste-se de novo n'um armazem de fato feito, despede-se

dos amigos, e no primeiro vapor com destino para Angola, elleahi vai barra fóra, levando o coração cheio de saudades, e um bahú quasi vasio.

Ninguem ignora que um grande numero dos chamados janotas recebem uma educação muito superficial: sabem francez de cabelleireiro; citam Racine e Voltaire, Victor Hugo e Alexandre Dumas; fallam de musica, de cavallos, de mulheres, e de touros; mas raro é aquelle que tenha prestimo para alguma cousa. São umas verdadeiras nullidades: mas no ministerio da marinha não se prendem nada com isso, porque desde ha muito que resolveram empregar nas alfandegas e nas legações da Junta da Fazenda toda a casta de patarata!

Não é de certo com semelhantes empregados que a administração financeira póde andar bem organizada, e a prova tenho-a eu nas irregularidades e curioso systema d'escripturação, que o novo Escrivão Deputado foi encontrar em todas as repartições a seu cargo, e nas difficuldades que tem tido em introduzir as necessarias reformas, e fazer comprehender aos empregados as operações mais simples e claras.

Mas como não ha de acontecer assim, se o Governo lhes paga tão mal, que só gente sem meios, nem modo de vida é que se tem sujeitado a ir para o Ultramar! É preciso que se convençam de que todo o homem de merecimento, que se resolve a ir para Angola, deve ser muito bem remunerado, e tudo quanto se possa dar me parece pouco para recompensar os serviços de um funcionario honesto e zeloso, cousa hoje tão rara d'encontrar nas nossas possessões.

Não ha uma reforma para os empregados do Ultramar ; os ordenados são miseraveis — ha-os na Junta da Fazenda de 12 e 15§000 reis fracos por mez ! — Será isto um bello incentivo para os homens de merecimento ? Não o creio.

Eis o motivo que obriga geralmente os empregados a fazerem-se negociantes ; muitos d'elles buscam até augmentar os seus rendimentos, sem lhes importár os meios que para isso empregam. Bastará dizer, que em *Loanda* ha um official que é moleiro !

Será por acaso muito para invejar a sorte d'aquelle que, á custa de mil privações e padecimentos, conseguiu juntar cinco ou seis contos de reis, que mal lhe chegam para se curar dos achaques que lá foi buscar ! Haverá talvez quem lhe inveje o dinheiro, mas não accetaria os soffrimentos por semelhante preço.

Os Ingлезes entendem melhor as cousas : sabem que todo aquelle que quizer ser bem servido, ha de pagar bem — por isso elles são grandes em tudo, e por toda a parte.

O Governador da Serra Leôa, colonia comparativamente menos importante do que Angola, recebe annualmente £ 4,000, ou 18:000§000 reis, fóra certos emolumentos. O Governador d'Angola recebe a terça parte, e como não póde, ainda que queira, ser muito economico, volta no fim de tres annos tão pobre como foi.

Por isso já alguns tem tractado de emendar esse erro da nossa legislação.

Não é só na escolha dos empregados civis que tem havido desleixo ; na dos militares tambem se tem sido

pouco cauteloso, encarregando do governo dos districtos homens sem instrucção, sem tino, e alheios aos mais triviaes preceitos de administração publica.

Mas dir-me-hão: não ha quem queira para lá ir. Podéra! — com as grandes vantagens que offerecem á classe militar, não ha certamente homens d' instrucção, que se resolvam a degredar-se, e a arriscar a vida.

Tambem é uma falta de bom senso nomear governadores, que não sejam da escolha do Governador geral: são empregos de confiança, que não devem ser entregues a pessoas, que muitas vezes, por maldade ou ignorancia, podem comprometter ou transtornar todos os projectos da authoridade superior. Temos tido bastantes provas da inconveniencia d'essas nomeações, e das cousas pasmosas, que a este respeito me contaram, citarei apenas dous casos, para não tornar esta narração demasiado extensa.

Certo governador de um dos fortes do interior, que pelas suas arbitrariedades e fins convenientes tinha promovido desordens com os naturaes, o que é muito vulgar, officiou para *Loanda*, descrevendo o estado precario em que se achava, e pedindo com instancia, que lhe enviassem mantimentos e munições para poder combater a rebellião, e sahir do estado de sitio em que se achava. Não foi sem alguns sacrificios que lhe poderam mandar farinha, bolaxa, feijão, aguardente, e munições de guerra.

Que uso julgam que elle fez de tudo isto?

Tractou logo de negociar o valor dos mantimentos, e em seguida passou a vender aos sitiantes a polvora,

com que depois lhe fizeram fogo! Os soldados da guarnição, vendo que as armas se tornavam um objecto de luxo, trocaram-as por gallinhas e leitões!

Ahi vai outra.

Quando certo Governador promoveu uma subscrição *voluntaria* para premiar os grandes serviços, que prestou á Provincia, houve um governador de districto, que tendo recebido dos indigenas quarenta bois, em lugar de fazer como os outros, que ficavam com metade dos donativos, guardou trinta e nove partes para si, e enviou uma para a capital.

As revoltas dos pretos são, na maxima parte, devidas aos excessos e á cubiça dos governadores de districto, e quasi sempre se manifestam na época em que se arrecadam os dizimos, ou quando se tracta de fazer uma remessa de *carregadores*. O que esses governadores querem é receber ordem para procederem a qualquer d'essas diligencias, que executam conforme bem lhes parece.

Na arrecadação dos tributos, ha sempre grande descontentamento causado pelas exorbitantes exigencias e insaciavel avidez dos governantes, e por mais de uma vez tem acontecido abandonarem os indigenas as *sanzallas*, levando comsigo as portas das *cubatas*, unico objecto a que ligam valor, para escaparem ás perseguições e vexames de que são alvo.

Quanto aos *carregadores*, eis a maneira como costumam praticar. Quando o commercio ou o governo precisa de *carregadores* para o interior e que em *Loanda* os não ha em numero sufficiente, officia-se ao

governador do districto para onde se quer carregar, ordenando-lhe que envie á capital a gente necessaria para essa conducção. Se a ordem é, por exemplo, para quatrocentos, o governador do districto manda intimar mil, e vai dispensando do serviço todos aquelles que allegam alguma razão de convencer, até que apura os quatrocentos que lhe pediram; cuja sorte recáe sempre nos mais pobres, e d'ahi resulta o descontentamento e grande indisposição que ha tempos tem lavrado entre os indigenas e os brancos.

Dando as authoridades exemplos d'estes, como é possivel que os seus subordinados deixem de os seguir?

É por esse motivo que as remessas de mantimentos e munições chegam sempre defraudadas ao seu destino. Não ha muitos annos que um official da nossa marinha, que pela sua coragem se tornou celebre no *Congo*, teve de andar no *Ambriz* por casas particulares, e de alguns empregados, fazendo restituir uma enorme quantidade de *moitetes* de peixe e de *cazungueis* de farinha, que tinham sido roubados na occasião do desembarque, e chegou a juntar duas carradas!

D'estes desvios da fazenda do Estado, praticam-se vulgarmente e são prova da pouca confiança que se deve depositar em grande numero d'empregados. Sobre este assumpto poder-se-iam encher volumes, porém como o meu fim não é de escrever os mysterios d'Angola, mas dar uma pequena ideia d'aquella nossa possessão, vou fallar da policia de *Loanda*, que me pareceu ser uma das instituições mais proveitosas pelos bons resultados que d'ella se colhem.

A policia é feita por um corpo de pretos a que chamam *empacaceiros* ou *pacaças*.

Se me perguntarem porque, não o saberei dizer, e notarei de passagem que em todas as nossas possessões se emprega uma infinidade de termos, que com quanto não sejam portuguezes, parecia que o uso os tinha vulgarizado bastante para que devessem figurar no nosso dictionario, não só para enriquecer a lingua, mas tambem para que as pessoas pouco versadas n'essa phraseologia tivessem onde recorrer para achar o verdadeiro significado de um termo estranho.

Os *empacaceiros* fazem as vezes da nossa guarda municipal: tem como ella differentes corpos de guarda, fazem a policia de dia e de noite, e no que mais differem dos nossos soldados é no armamento e no *calçado*. O seu chefe é um antigo degredado que alli vive ha muitos annos, e hoje major de segunda linha. O fardamento dos *empacaceiros* é assaz original, e consiste n'uma fardeta de panno azul, calça branca, saiote curto de ganga azul, boné redondo encarnado com lista e botão preto. Andam descalços, não sei se por economia, se por commodidade. O seu armamento é uma lança como a dos lanceiros, mas sem bandeirolla.

Fazem excellente serviço mantendo a policia no mercado, rondam de noite, e capturam todos os escravos que encontram passada certa hora, sem um salvo conducto do seu senhor; perseguem os escravos fugitivos, e em varias occasiões os vi conduzir levas de recrutas em numero oito vezes superior ao d'elles.

Fóra do corpo da guarda, a arma do *empacaceiro* é

uma simples chibata ou um pausinho curto, objecto favorito de todos os negros; é assim que se apresentam nas repartições publicas, onde quasi sempre está um ás ordens. Quando tem de fazer uso da authoridade de que estão revestidos contra os da sua côr, e este é o caso mais vulgar, visto que a maioria da população de *Loanda* é composta de pretos, triumpham facilmente da resistencia que por vezes lhes oppoem; o que só acontece quando os delinquentes se acham em estado d'embriaguez, porém isso mesmo é raro, porque n'esse ponto, com pejo o digo, estão mais civilizados do que os brancos, respeitam a lei, e submettem-se com resignação ao castigo que ella lhe impõe.

Mas quando é preciso empregar a força para capturar um branco, o caso então muda muito de figura, não só pelo respeito que todos os pretos tem aos brancos, mas tambem por saberem por experiencia que estes lhes são superiores em força. Os marinheiros inglezes são os que mais trabalho lhes dão, por se defenderem a sócco, e não ser este exercicio familiar dos pretos; comtudo longe de desanimarem conseguem sempre prendêl-os, cahindo-lhes em cima em grande numero, e ligando-os com cordas de modo a reprimir-lhes os movimentos, e assim se tornam senhores d'elles, e os conduzem á presença do chefe da policia.

São scenas estas que não deixam de ser engraçadas. Parece-me que a policia seria ainda mais respeitada pelos indigenas, se os seus agentes andassem calçados, o que é para os pretos um signal evidente de distincção e superioridade.

Ha em Angola uma outra força policial a que chamarei — rural — mas com differente organização, ou para melhor dizer, desorganização. Quero fallar da *Guerra preta*, especie de milicia do paiz, da qual actualmente só restam os officiaes, quasi todos pretos ou mulatos do interior, para quem a farda, a banda, e as patentes, são distincções do maior apreço.

Ouvi dizer que o actual Governador geral tenciona aproveitar o espirito marcial d'aquella gente para reorganisar a *Guerra preta*, da qual espera tirar bom partido. Este projecto tem agradado a muitas pessoas mais conhecedoras do que eu das necessidades da Provincia, mas desagrada aos receosos que pretendem vêr na organização d'esses corpos indigenas um elemento poderoso que active e concorra para a independencia d'aquella possessão. Julgo estes receios infundados, por quanto o atrazo em que se acha ainda aquella paiz a todos os respeitos, não lhe permite sustentar-se como territorio independente. Elles bem o conhecem, e n'esse caso já que nasceram portuguezes preferem continual-o a ser, porque sabem que se cahissem debaixo do dominio de qualquer outra nação, é provavel que fossem tractados como costumam sel-o os povos conquistados.

Não sei se n'esse sentido se tracta alguma cousa nas lojas maçonicas, que me dizem ser tão numerosas em Angola como no Brazil, sem que d'isso se faça mysterio algum, a ponto de fazerem procissões nocturnas pelas ruas de Loanda. É uma carolice de outro genero.

Quanto aos usos e costumes da sociedade da capital, pouco poderei dizer, porque raras casas visitei; não

obstante isso, pelo que pude observar e em vista das informações que me deram, julgo-os muito semelhantes aos da America meridional.

As senhoras, com quanto ostentem aos domingos grande luxo, ataviam-se com uma immensidade d'adornos e de enfeites de côres garridas e de bastante mau gosto. N'isto não são ellas as mais culpadas, vendo-se obrigadas a comprar o que acham á venda e que os fabricantes ou correspondentes europeus para lá mandam, predominando sempre n'elles a ideia de que tudo quanto fôr para a costa d'Africa deve ser encarnado, quando não que se não vende; sem se lembrarem que em Angola, apesar do sangue já andar muito misturado, ainda ha familias brancas de raça pura.

A indolencia propria d'aquelles climas, refina nos europeus quando se vêem rodeados d'escravos e *mutambas*, por quem mandam fazer todos os arranjos da casa, e que estes executam sempre muito mal, e de má vontade.

Nunca vi terra onde se quebre tanta louça e tanto vidro; — os pretos são como os macacos, é preciso não lhes fallar em certas occasiões, senão largam o que tiverem nas mãos para poderem responder. Estive n'uma casa em que havia um preto, que prato em que elle pozesse a mão estava logo feito em bocados.

Um dia vi uma preta limpar uma panella com um guardanapo adamascado, e depois deital-o fóra, só para não ter de o lavar. Não se póde confiar nada d'ellas — todas as cautellas são poucas; quantas gavetas e armarios ha em-casa, tem de andar tudo fechado. Se os

pretos dão no dôce e no vinho, fazem ainda maiores estragos do que o *salalé* na bibliotheca do Bispo. Roubam tudo quanto podem, e vão vender fóra a certos taberneiros — quasi sempre degredados — que lhes pagam com aguardente. Para elles todos os objectos tem o mesmo valor; tanto pedem por um lenço d'algodão, como por uma colhér de prata. As casas dos homens solteiros estão constantemente expostas a esta pillagem.

Observa-se nos trajés usuaes das senhoras grande desalinho, quando não estão preparadas para receber visitas de cerimonia; e consta-me que a parte economica da casa, em que o bello sexo na Europa tanto se esmera, não é o que mais cuidado dá ás senhoras africanas.

Nas creoulas notei um sotaque muito semelhante ao dos brazileiros, devido á frequente convivencia com as escravas, com quem aprendem mais a fallar a lingua *bunda*, do que o portuguez, que estas apenas entendem.

Na chronica escandalosa de *Loanda* não tocarei, para não dar a estes apontamentos de viagem as consideraveis proporções da obra de Saint Simon: — bastará dizer, que as senhoras são excessivamente amaveis, e os maridos dotados de bom genio, tolerantes e muito obsequiadores.

Portatur leviter, quod portat quisque libenter.

Em toda a Africa, mas principalmente em *Loanda*, ha grande numero de lavadeiras e engomadeiras. Não sei qual é o modo de lavar, mas creio que não fazem varrella, e que por isso se vêem obrigadas a dar taes tractos á roupa, que rara é aquella que não a entrega em

farrapos, e cheia de nodoas, que apanha ao seccar sobre certas plantas proprias para tinturaria. Vi uma vez as escravas da minha lavadeira andarem passeando pelo quintal calçadas com as meias dos freguezes, e bem se póde imaginar o estado em que ellas ficariam. Além d'estes inconvenientes, sempre falta alguma peça de roupa, porque as escravas roubam a que podem, e se são descobertas, dizem que a acharam.

Estranhei o costume de estarem os escravos deitados em esteiras nos portaes das casas, e não me admirei menos de vér essas entradas bastante sujas, conhecendo-se até em algumas um rasto de immundicie, que os pretos descalços e escorrendo em suor deixam por toda a parte onde passam amiudadamente.

Mencionarei agora um facto caracteristico de costumes, e que é notavel.

A sympathia que os europeus tem para com seus filhos havidos das escravas, de preferencia aos de suas proprias mulheres, é constante, e não ha carinhos e cuidados, que não prodigalisem a um filho mulato.

As creoulas imperam no coração de muitos brancos, e isso póde explicar-se, porque as mulheres da Europa perdem, em pouco tempo, a belleza e a frescura da mocidade, n'aquelle clima tão contrario á sua delicada compleição.

Rematarei este pequeno quadro de usos e costumes, descrevendo o modo original e engraçado, como vi um preto barbeiro ambulante fazer a barba a outro negro. O Figaro trazia uma unica navalha, que tirou de dentro de uma camisa velha que tinha vestida, abriu-a, e cor-

reu-a umas poucas de vezes na palma da mão esquerda; a victima sentou-se no chão, e cruzou as pernas; — o operador cuspiu na mão, e principiou a esfregar a cara ao freguez, e assim continuou gravemente exercendo o seu mister, fazendo supportar ao paciente as contorsões mais caricatas. Aquelle methodo expeditivo de rapar os queixos, só póde ter applicação na costa d’Africa, porque geralmente os indigenas são pouco barbados.

Não queria deixar a capital sem dizer alguma cousa da Justiça. Mas, que direi eu?

Ella é a mesma por toda a parte, — lá como cá: é ministrada pelos homens, e como elles não são infalliveis, ella tambem o não póde ser. Demais, querer que a justiça de *Loanda* seja menos digna de censura, do que a de qualquer terra de Portugal, não seria isso exceder os limites rasoaveis da exigencia?

Em *Loanda* ha Desembargadores da Relação, Juizes de Direito, Escrivães, Advogados formados, e outros que o não são, escreventes, e beleguins — emfim tudo tal qual como cá.

Conheci dous empregados subalternos, dos quaes tencionava colher algumas informações sobre o ramo a que pertenciam, mas como principiam logo dizendo mal um do outro, dei-me por satisfeito. Ouvi geralmente elogiar um juiz, que pertence a uma familia muito conhecida em Portugal, e casado ultimamente com a filha do ex-Governador Amaral. Este juiz é digno de toda a consideração pelas suas boas qualidades, e pela independencia e rectidão com que tem desempenhado os deveres de tão melindroso cargo.

O Presidente da Relação, em Angola, é considerado como a primeira personagem abaixo do Governador geral, e faz parte do conselho do governo. Às vezes ha graves conflictos entre este funcionario e o Governador, que se vê obrigado a luctar com um antagonista, que o guerreia ao abrigo da independencia judicial. São futeis ordinariamente os motivos da desintelligencia, e os Governadores costumam olhar para esses homens com reserva, porque entendem, com razão, que não convém dous gallos n'um poleiro.

Pretendem certas pessoas fazer-me acreditar, que na organização dos governos ultramarinos é sempre bem entendido que haja um poder independente, que possa contrabalançar o do Governador, e reprimil-o quando elle pretende exorbitar. Isso seria admissivel, se tivessesmos a certeza que esse poder independente estivesse sempre na mão de um homem de prudencia e conhecimentos, que não fizesse uso d'elle senão em casos extremos, e que, fóra d'isso, tractasse de viver na melhor harmonia com o Governador, a quem elucidasse com os seus conselhos. Mas não acontece assim; e o decoro e socego publico são sempre sacrificados aos caprichos do amor proprio: acho pois preferivel qualquer excesso do Governador geral, a todos os excessos a que se entregam ambos os campeões, se chegam a romper as hostilidades.

Os governos das nossas possessões são, como a maior parte dos das francezas e inglezas, essencialmente militares: a crise n'aquelles estados é, por assim dizer, permanente, o que nos obriga a estar constantemente

álerta para resistir a qualquer aggressão dos vizinhos, que tanto nos incommodam. Governos d'estes só é possível desempenhal-os bem, quando as pessoas a quem são confiados podem obrar desassombradamente, e sem receio de coallisões que lhes façam perder o prestigio de que tanto carecem.

A Relação de *Loanda* não preencheu o fim para que foi creáda: o pensamento era bom, mas falharam na prática os resultados. A distancia que separa o reino d'aquella possessão, e a falta que d'antes havia de communicações regulares, davam causa a muitos embaraços e enormissimas despezas, quando qualquer pleito tinha de vir á Relação de Lisboa: — organisou-se portanto para remediar esses males a Relação de *Loanda*, com um apparatus digno de melhor terra. A ideia foi excellente, mas ninguem se lembrou, que a febre não respeita mais a beca, do que a farda, e que a Relação, por falta de membros, se havia de vêr a cada passo impossibilitada de funcionar; pois é justamente o que está acontecendo, tornando-se este tribunal um corpo inutil, que deve ser supprimido, visto haver agora um serviço regular de vapores para a Africa, que por conta do Governo, ou de particulares não deixará mais d'existir.

Como fallei da justiça, não devo esquecer o grotesco papel sellado da Provincia: — é uma folha de papel almasso, que em vez da marca do — credito publico —, tem duas nodoas, ou borrões pretos de formato oblongo, que quem quer póde facilmente imitar.

Digamos adeus, e adeus para sempre, a essa fornalha ardente chamada *Loanda*, e á sua cohorte de mos-

quitos, arauhões, osgas, e baratas, — flagello infernal, que de dia e de noite atormenta os infelizes, a quem a má sorte lança n'aquellas praias de crocodilos. Sahi com o estomago nauseado do cheiro repugnante das baratas, que durante mez e meio senti em toda a roupa que vesti, e em tudo quanto comi e bebi.

Naveguemos para o sul, onde nos promettem um clima mais ameno.

Alli temos a foz do *Coanza*, cujas aguas barrentas vamos sulcando; — eis o *Cabo Ledo*, tão conhecido dos navegantes, e que ha pouco parecia estar na nossa frente; — acolá está o *Longa*, e alli foi *Benguella* velha. Estamos nas alturas do presidio de *Novo Redondo*, assente n'um elevado promontorio, d'onde domina a embocadura do rio *Gunza*, e o territorio adjacente; — temos passado a *Bahia de Lobito*: já se avista a foz do *Catumbella* — mais algumas horas de martyrio, e estamos em *Benguella*.

Ao entrar na extensa, mas estreita bahia de Santo Antonio, formada ao sul pelo curioso *môrro do Sombreiro*, descobre-se a cidade de *S. Philippe de Benguella*, edificada em terreno summamente baixo e pantanoso.

A vegetação brota por toda a parte, o arvoredo é magnifico, e por entre elle se divisam as alvejantes habitações, a fortaleza, a igreja, e o hospital da Misericordia. Este paiz parece-me bello e sadio. Admira ninguem vir a bordo: — por mais que lance o oculo não descubro movimento em terra...

O mar na bahia de *Benguella* está quasi sempre

agitado: os navios fundeiam ao largo para se poderem safar se se levantar *callêma*, e não é sem grande difficuldade que os barcos chegam a vencer a praia. *Ben-guella* não tem caes, e os desembarques são perigosos por causa do meio que usam para esse fim. Os remadores ao aproximar-se da praia, empregam toda a força de remos para encalharem o barco: então dirigem-se a elle quatro pretos, trazendo aos hombros uns varaes que sustentam uma grande cadeira de braços, onde cabem á vontade duas pessoas. Os pretos entram na agua e aproximam-se do barco, de modo que o passageiro possa saltar para a cadeira, mas algumas vezes tem acontecido escorregarem e mergulharem os viajantes.

Este accidente, que á primeira vista provôca o rizo, tem quasi sempre funestos resultados n'um paiz onde se anda transpirando constantemente: a febre, rara vez deixa de accommetter a pessoa a quem succede este transtorno.

Na praia ha um grande barracão que pertence á Al-fandega, que o mar no tempo da *callêma* tem chegado a invadir; tambem já alli houve uma ponte de desembarque, que o *taré* promptamente arruinou.

Largos arruamentos, boas construcções ainda que demasiadamente baixas, — mas por toda a parte não se vê senão desolação; — apenas se encontram alguns pretos, e esses mesmos bisonhos. O viajante não pôde perceber qual seja o motivo de tanta tristeza, n'uma terra tão verdejante e tão linda: parece que os habitantes ao avistar o vapor, abandonaram as suas vivendas e fugiram para a serra! Com effeito alguns as abandonaram ainda

ha pouco, para sempre, e os outros jazem no leito de dôr, esperando que lhes toque a sua vez.

Benguella, com o seu ar risonho e seductor, com o seu manto de verdura e de aspecto tão attrahente, é a mais temivel das nossas possessões.

Ai d'aquelle que se deixar illudir pela sua formosa apparencia, e que não evitar esse laço que a cruel lhe prepara, para o aniquilar no meio do mortifero ambiente que alli se respira!

Governador, Secretario, Director da Alfandega, chefe da Delegação, Capitão do porto, e muitos outros— todos estão doentes. Apenas encontro tres pessoas das muitas que procurava, mas em que lastima! Surdas, côxas, inchadas, cobertas de escrofulas e atacadas de escorbuto. Os infelizes nem conhecem o misero estado em que se acham, porque perguntando a cada um d'elles como iam de saude, responderam-me: — «Agora, graças a Deus, sinto-me bom; estive muito mal, aqui ha cousa de um mez, mas valeu-me uma boa dôse de quinine, e estou optimo.»

Coitados! Estaes todos optimos, mas é para conservar em alcohol, e figurar como curiosidades em algum museu.

Se *Loanda* é má terra — *Benguella* é trinta vezes peor: — pois é pena porque tem uma apparencia agradavel, e é muito farta. O gado que aqui se vende, é de boa qualidade, e baratissimo, por ser em grande parte roubado pelo gentio do *Nano*. Vendem dous arrateis de carne, que é o menor pezo que lá fazem, por 35 reis.

Benguella, é um ponto commercial de grande importancia, e sem duvida o primeiro depois de *Loanda*. Existem alli grandes depositos de cêra, gomma copal, urzella, marfim, enxofre e azeite de palma. N'uma só casa, vi uma porção de marfim, que me disseram importar em mais de sessenta contos de reis. O negocio de couros tambem é bastante consideravel: notei que juntamente com os de hoi, vendiam muitos de zebra. Estes animaes percorrem o interior em grandes manadas, e os pretos conseguem matar grande numero com frechas e azagaias, ou armando-lhes laços. Tambem se encontram muitas pelles de tigre e de onça, mas rara é aquella que esteja bem tirada: a quasi todas falta alguma garra e até a cabeça.

Os passaros de lindas e brilhantes côres, que tão apreciados são na Europa, abundam aqui.

Ha corças e veados apanhados no interior, onde parece que a caça existe em muito maior quantidade do que para o norte, talvez por ser um clima mais fresco e ter melhores pastos.

Benguella tambem se ressentia da falta d'agua potavel: em consequencia d'isso paga o seu tributo ao rio *Catumbella*, assim como as outras povoações o pagam aos rios mais proximos.

Nada mais posso dizer, porque n'uma visita d'algumas horas, poucos conhecimentos se podem adquirir de uma terra qualquer.

O triste espectaculo que alli se presenciam, faz-me recordar com saudade da — cadeira — que tanto receei ao desembarque. Voltemos para ella e de lá para bordo.

Ámanhã levantamos ferro, e seguimos viagem para *Mossamedes*.

Adeus maldita *Benguella*: — não terás as minhas cinzas! Fica-te com os teus elegantes coqueiros, e com as tuas lindas bananeiras — deixo-te sem saudades — o teu ar mata. Adeus homens optimos; Deus vos conceda uma optima cova, onde sejaes optimamente enterrados: — viver n'esse estado não é viver.

Vamos seguindo uma costa árida e melancolica, que os homens ainda não conseguiram cultivar, e que o proprio Creador parece ter abandonado. Esta solidão é medonha!...

Ao contemplar o horisonte limitado por escarpadas e estereis montanhas, cujos cumes se confundem com as nuvens, sinto o coração comprimir-se-me de tristeza; volvo o pensamento para a Europa, mas ás saudades que de mim se apoderam, só posso dar allivio vertendo lagrimas de arrependimento.

Patria, familia, e amigos, que eu nunca devêra ter deixado, tornar-vos-hei a vêr ainda?...

Quanto é extensa esta costa! Ha vinte horas que navegamos e comtudo apenas tenho descoberto duas ou tres feitorias. Ah! lá se avista a *Ponta Grossa*; estamos na bahia a que os inglezes deram o nome de — Pequena bahia dos peixes — e de um só lançar d'olhos pôde o viajante abraçar toda a povoação de *Mossamedes*, hoje villa, e á qual os habitantes dão o nome de *Praia*.

Mossamedes, ao inverso de *Benguella*, apresenta um aspecto triste, porque as suas casas baixas e por em quanto pouco numerosas, estão como perdidas no meio

d'um extenso areal. Em frente de nós e sobre um môrro alcantilado temos a fortaleza; á direita, mais para o interior, descobre-se a igreja — mais longe, algumas habitações e o hospital. Á esquerda, na baixa, e em aruamentos regulares está a povoação; — no fundo, a extensa e longinqua serra de *Chella*, um dos mais admiraveis caprichos da natureza, limita este quadro de um colorido pouco variado.

A distancia talvez de tres quartos de legua, avista-se arvoredo e bella vegetação: — é o sitio das *Hortas*, alfobre delicioso, onde se reproduzem todos os fructos, hortaliças, e arbustos europeus juntamente com os dos tropicos. Entre as *Hortas* e a Villa, vêem-se espalhados alguns tumulos e cruzes toscas, levantadas em memoria dos primeiros colonos que alli se foram estabelecer. Aquelle cemiterio está abandonado, por terem feito outro em sitio mais proprio e convenientemente disposto.

Saltemos em terra e vejamos esta povoação, que tanto nos tem gabado.

O clima é delicioso. Sinto renascer, n'uma agradavel transição, a energia que o calor abrasador de *Loanda* me tinha feito perder: já não estou alagado em suor, como hontem ainda me acontecia — julgo estar na Europa.

Mossamedes é uma villa moderna, em que muitos dos melhoramentos indispensaveis estão ainda por executar; assim mesmo muito se conseguiu com os poucos recursos de que poderam dispôr, porque o Governo não tem olhado como deveria para aquelle abençoado torrão. É a terra da Provincia que mais tem sido visitada pelos

européus : — todos os empregados que adoecem, pedem licença para se irem restabelecer á Cintra africana, e isso hoje é-lhes mais facil com os vapores da « União Mercantil », do que no tempo em que não haviam senão uns pequenos navios do Estado, em que se viam obrigados a aturar as demoras e caprichos que os commandantes podessem ter nos diversos pontos da costa.

Não ha ainda vinte annos, que n'aquelle extenso areal nem uma só cabana se avistava ; — agora possui tres bellas ruas, bem alinhadas, cortadas por outras tantas que dão accessó á praia, com lindas casas terreas no estylo americano, bem construidas e commodamente repartidas. Os colonos estrangeiros, mais avisados, levaram comsigo operarios intelligentes, que introduziram innovações desusadas em outros sitios da Provincia, sabendo tirar todo o partido dos rarissimos recursos que o paiz lhes offerencia.

Successivos comboios de colonos teem ido estabelecer-se em *Mossamedes*, contando actualmente a villa e suburbios para mais de dous mil habitantes, sendo seiscentos e tantos brancos, mil escravos, e compondo-se o resto de pardos, pretos livres e *libertos*.

As tres tribus circumvisinhas de *Crok*, *Giraúl*, e *Quipola*, tem para cima de setecentos habitantes.

Os concelhos da *Huilla*, do *Bumbo*, e dos *Gambos*, reunidos, apresentam uma população muito mais numerosa, mas os brancos não excedem talvez a cento e setenta, os pardos a trinta, e os escravos e *libertos* a quinhentos e quarenta, avultando a população em indigenas dos *Gambos*, que orçam por uns cincoenta mil.

As primeiras construcções, foram como no resto da Provincia, compostas de *tungas*, com barro e ramos de palmeira servindo de cobertura: algumas d'essas humildes habitações ainda hoje existem, a par de outras mais elegantes, como para mostrar ao viajante, por que serie d'incomodos tiveram de passar aquelles que se animaram a lançar as bases de uma povoação, que está destinada para ser um dia a mais bella das nossas possessões africanas.

Mossamedes podia ter prosperado muito mais, se tivesse tido sempre governadores tão intelligentes e honrados como Fernando da Costa Leal, a quem ella muito deve. Moço de instrucção, de um character energico, e de uma honradez exemplar, foi o unico governador de *Massamedes* que fizesse obras de reconhecida utilidade, apesar das difficuldades que teve de vencer, e da crua e injusta guerra que lhe moveram alguns habitantes da villa. Já ha muito reconheceram elles os seus erros, porque viram que a intelligencia, energia e boa vontade foram bem mal substituidas, attendendo-se ao interesse particular e desprezando-se completamente os do districto. É verdade que este estado de cousas convém a certos individuos; porque em *Mossamedes*, se a terra é boa, a gente nem toda o é: ha muito quem pesque em aguas turvas, e a quem convenha a desordem e o desleixo.

Esta é infelizmente a grande ulcera das nossas possessões. As ambições, a inveja, e o ascendente que muitas vezes certos empregados subalternos tomam sobre outros mais graduados, mas de menos intelligen-

cia, são causa de muitos devaneios, de muita injustiça, de muita intriga, e acabam sempre pela completa desorganisação do systema administrativo que se tenha tentado seguir. Mas ainda esta não é a maior difficuldade que a authoridade tem de combater, porque havendo sufficiente energia, com pouco custo faz entrar no seu dever os seus subordinados, e facilmente pôde afastar para longe aquelles que lhe forem hostis; o que é mais para reccar, são certos habitantes que depois de se pillharem senhores de uma casaca preta, de um chapeo de cópa alta, e de um par de luvas brancas, esquecem o que foram, e o que verdadeiramente ainda são, pretendendo como o gaio da fabula, revestido das pennas do pavão, que lhes dêem uma importancia que elles não merecem e até de que não são dignos.

Quando um governador, que conhece o seu lugar, encontra d'esses perús cheios de vento e de soberba, e não transige com elles, tem de luctar constantemente com mil intrigas e embaraços que adrede lhe preparam aquelles, cuja influencia foi despresada.

A mania geral em Angola, é ser o favorito dos governadores, dominal-os, e fazer depender da sua approvação certos pedidos e determinações.

O Governador Leal emancipou-se d'essas tutorias: — achou-se só no campo, luctou com perseverança, pagou a ingratição com beneficios, e succumbindo com gloria, retirou-se, sem que a mais leve nódoa tivesse manchado o seu nome. D'estes homens não convém para as nossas possessões: — por isso teve de recolher a Portugal.

Este zeloso funcionario levantou uma planta de *Mossamedes*, e n'ella indicou as construcções que tencionava mandar fazer: projecto bem combinado, e conveniente para evitar o desalinho que se nota em todas as terras, onde logo de principio não houve o cuidado de traçar um plano geral de obras. Edificou o quartel, que com quanto seja hoje um dos peores edificios de *Mossamedes*, era n'aquelle tempo o melhor que havia, mesmo porque então não se dispunha ainda de muitos objectos que já se encontram no mercado, e tambem porque os recursos que tinha, eram mui restrictos. Principiou a fortaleza, cujo plano foi depois alterado e estragado por quem o substituiu na direcção d'aquelles trabalhos. Lançou as fundações de um Palacio para o governador, juntando á custa de muitos sacrificios, grande quantidade de materiaes para a sua continuação. Edificou uma bella igreja, com residencia para o parochio, e tentou estabelecer um moinho, para cujo fim chegou a receber de Lisboa as pedras necessarias, que jazem dispersas na praia onde provavelmente ficarão cobertas pela areia. Visitou o interior, construiu fortes, e deu grande incremento á Colonia da *Huilla*, onde estabeleceu um moinho, que ainda hoje trabalha com proveito dos colonos e da guarnição.

Actualmente as unicas obras que se vêem em andamento são as da fortaleza, mas essas mesmas seguem com morosidade, porque os operarios tambem se occupam no serviço de alguns particulares influentes. Os materiaes, destinados para o Palacio, tem sido vendidos, dados e roubados!

Contrasta de uma maneira bem singular este estado de dissolução com a actividade que presidiu ao desenvolvimento material, que em outro tempo se manifestára, e que eu tractei de esboçar.

Em *Mossamedes* não ha senão uma casa de um andar, e nem é prudente fazel-as ; não só por falta de madeiras solidas, como tambem por causa do modo de construcção de que se servem por não haver pedra ; pois que a que apparece na villa é um grés friavel, ou uma petrificação curiosa, que se compõe de conchas envolvidas n'uma especie de betume. Com esta qualidade de pedra é que estão construindo a fortaleza.

O Governador Leal descobriu proximo de *Mossamedes* gesso de excellente qualidade, de que fazem grande uso na villa, e que os navios poderiam transportar como lastro para *Loanda* : — é mais um ramo de commercio que tem sido despresado.

As construcções são feitas com adubos seccos ao sol, sem nenhuma outra preparação, e formando pedaços de grandes dimensões. Cada tijolo tem proximamente 44 centimetros de comprimento, por 22 d'espessura, e outros tantos de largura : o barro é do melhor que se póde desejar, e daria magnificos tijolos se os cozessem e os fabricassem do formato francez.

A casa de melhor risco é onde vive o governador, e pertence a um portuguez, natural de Lisboa, estabelecido na ilha de S. Thomé. Afóra mais algumas casas particulares, as outras são occupadas por gente de negocio, soldados casados e degredados com officio.

Quasi todas as habitações da *Praia* tem páteos,

onde plantaram palmeiras e coqueiros, no meio dos quaes abrem a sua *cacimba*, pequeno poço, cujo revestimento interno é formado com barricas sem fundo, sobrepostas umas nas outras, e d'onde tiram a agua para usos domesticos, sendo alguma de boa qualidade.

Apesar de ser muito melhor que a de *Loanda*, a agua é igualmente filtrada, e julgo que veem do interior os filtros que lá usam, de um grés mais compacto do que o que se emprega nas construcções.

O açougue fica situado n'uma elevação, e algum tanto afastado do centro da villa.

As ruas estão por calçar; — tencionavam dar principio a esse melhoramento, o que me não pareceu muito acertado, em quanto não tiverem fixado com plantações de arvores, ou outras edificações, as areias que os ventos trazem sempre em movimento.

Sem uma barreira no littoral que se opponha á invasão das areias, e que sirva para no futuro fornecer madeiras de construcção, mal poderá *Mossamedes* conseguir ter nas suas excellentes ruas um piso commodo e uma communicação facil com o sitio tão concorrido das *Hortas*. Dizem-me que já tentaram a sementeira dos pinheiros, mas sem resultado. Houve por força má direcção n'essa experiencia, porque o pinheiro ha de dar-se n'um clima tão benigno como aquelle: longe de desanimar, deveriam repetir por mais vezes, e em differentes pontos, outras tentativas, porque o seu bom exito muito contribuiria para a prosperidade d'aquella terra. Convinha primeiro plantar ao longo da praia cinco ou seis fileiras de coqueiros, que se dão bem na agua sal-

gada, para se poder estabelecer uma linha de defeza, como se pratica nas Landes, e ao abrigo d'ella ir semeando os pinheiros, que nunca poderão vingar, se depois de semeados os deixarem abandonados e entregues ás invasões das areias. Vingada a primeira sementeira, essa mesma serve de resguardo ás que depois quizerem fazer.

É muito para sentir que se tenham occupado tão pouco de plantações: apenas na praça da Colonia se vêem algumas arvores mal resguardadas.

O Governador Leal tentou edificar a villa no sitio mais alto e onde as areias são menos abundantes, mas a commodidade dos desembarques, e sobre tudo o receio que muitos tinham que alli se não encontrasse agua, fizeram com que preferissem a baixa. Tempo virá em que aquell'outro terreno será mais apreciado, sobre tudo se se levar a cabo o Palacio projectado. A falta d'agua já a não devem recear, porque tambem aquelle governador a encontrou a pequena profundidade.

Ha em *Mossamedes* dous operarios de merecimento: um d'elles é carpinteiro, e faz as vezes de sub-delegado, e d'architecto — falla de papo na Novissima Reforma, e nos differentes estylos d'architectura; o outro, chamado Espirito Santo, é um d'esses homens como se encontram muitos nas cidades do Minho, e a que dão o nome de — faz tudo. — Uma das suas obras existe na fortaleza: é uma chapa de fundição com letras em relêvo, que não achei mal feita, e dei-lhe bastante apreço por ter sido executada n'uma época em que faltavam as cousas mais indispensaveis. Dos outros officios que exerce,

nada posso dizer, senão que como cozinheiro, faz detestáveis maçãs, e deixa queimar os assados. Assisti a um jantar, feito por elle, onde provei um bocado de macado assado, que me não pareceu delicado manjar.

Tambem ha um excellente funileiro, natural do Porto, e para alli enviado pela Relação.

A bahia de *Mossamedes* é uma das mais bellas que tenho visto — o seu fundeadouro é magnifico e vasto. Como na maior parte das nossas possessões africanas, faz-se o desembarque aos hombros de barqueiros, o que sempre apresenta certo risco aos visitantes que se não acharem preparados para tomar um banho de chóque.

Um caes bem construido, que nivelle a praia pela altura proxivamente das construcções regulares que alli existem, com escadarias para os desembarques, e uma ponte de descarga para o serviço da Alfandega, são as obras mais urgentes.

A Alfandega precisa tambem ser reformada: a actual é um barracão improprio e sem accomodações. Uma Alfandega deve ser um edificio isolado, proximo ao desembarque, e com as condições necessarias, não só para os empregados, mas principalmente para armazenar as fazendas, que muitas vezes os compradores não podem recolher nas suas habitações.

Na praia presenciamos uma scena assaz desagradavel e á qual deveriam pôr termo, se os Camaristas quizessem mais tractar dos interesses da terra, e menos de certas intriguinhas, e questões pessoaes, com que ninguém aproveita, e elles muito perdem. Quero fallar da escallação do peixe, que convinha se fizesse em sitio re-

tirado e mais apropriado para esse fim ; onde o vento da barra não cobrisse d'areia fina, como agora acontece, o peixe preparado de fresco, o que o torna improprio para quem não estiver ainda affeito como os negros, a trincar areia sem se lhe arripiar os cabellos.

Tambem é costume quando chegam os pescadores virem á praia os pretos comprar o peixe para os seus senhores, e leval-o para casa, já aberto e escamado, para o que veem sempre munidos d'uma faca. Os cães atraídos pela esperança de pilharem alguma lambugem, rodeiam os pretos na occasião do amanho. Alguns mais atrevidos, ou mais famintos, levam a ousadia a ponto de querer partilhar melhor quinhão do que aquelle que lhes destinam, mas pagam caro o atrevimento, porque o preto, estúpido e cruel, dá-lhes desapiedadamente com o gume da faca nas mãos, e continua tranquillamente o seu trabalho.

Contei n'um dia em que fui vêr chegar o peixe, vinte e seis cães, deitados á sombra de uns barcos que se estavam concertando: vi-os levantar de vez em quando a cabeça, e olhar para o lado d'onde deviam vir os barcos, e como nada avistassem, recostar-se, fechar os olhos e dormir. Repetiu-se esta scena muitas vezes, até que chegando finalmente os pescadores, elles ahí se levantam todos, e a passo lento se dirigem ao sitio onde os barcos aportaram. Foi então que tive occasião de notar, que a maior parte d'elles eram aleijados das mãos, e que me explicaram o motivo de sua má sorte.

Não sei de que sirva tanto cão em *Mossamedes*, a indifferença dos habitantes deixa-os assim reproduzir

espantosamente, até que se vejam obrigados a combater-os, como os primeiros colonos tiveram de fazer aos lobos, que todas as noites vinham cumprimentar os seus novos hospedes.

O que é muito singular e digno de reparo é, que em Angola, onde o calor é excessivo, e onde se não encontram tão facilmente como na Europa sitios onde os cães possam beber, não ha lembrança de um só caso de hydrophobia.

Não é pelo aspecto da Villa e do terreno, que a circunda, que se deve ajuizar da importancia de *Mossamedes* como colonia agricola: para isso teriamos de nos entranharmos para o interior; mas como aqui viemos só para nos restabelecermos de um incommodo febril, que nos accommetteu em *Loanda*, contentar-nos-hemos de montar n'um *boi-cavallo*, e ir até ás *Hortas* e á quinta dos *Cavalleiros*.

Este nome de — *boi-cavallo* — produz certa sensação no viajante, que se persuade ir vêr um animal de nova especie, producto hybridado da raça bovina e cavalhar. Logo me desenganei quando vi que o exemplar que me apresentaram nenhuma differença fazia dos outros bois.

Como os colonos se viam obrigados a fazer grandes digressões, e não tinham cavalgaduras, o que ainda hoje lhes acontece, resolveram imitar o exemplo de muitos povos da costa, e do interior da Africa, substituindo-as pelos bois. Quasi todos os proprietarios da *Praia*, principalmente os donos de quintas ou hortas, tem o seu *boi-cavallo*. Escolhem de preferencia para esse effeito

os bois mochos, furam-lhes a membrana que separa as ventas, e introduzem n'esse furo uma especie de bridão de uma só peça, prêso a uma cabeçada quasi igual á dos cavallos, e por esse meio os governam e lhes reprimem os impetos. Um sellote com retranca, ou sellim razo com rabicho, é o arreo ordinario em que montam homens e senhoras. O gado que está affeito a este serviço anda com uma velocidade pouco propria do — passo do boi —. Percorri umas sete leguas n'esses bois, e a sua andadura não me pareceu peor do que a de um cavallo; mas a espora e o chicote tem de trabalhar continuamente para lhes recordar o seu dever.

Já que temos cavalgaduras, vamos até ás *Hortas*, que é um passeio que quem visita *Mossamedes* não deve deixar de dar.

As *Hortas* distam tres quartos de legua da *Praia*: é um terreno muito bem cultivado, e de uma fertilidade espantosa. Vêem-se alli excellentes melancias e melões, romãs, figos, varias hortaliças, milho, feijão, mandioca, e algum algodão: as nossas arvores fructeiras, plantadas ha pouco promiscuamente com as africanas, principiam já dando mostras do que hão de vir a ser. As videiras foram tambem victimas do flagello.

Todos os dias se estende a cultura n'aquelle magnifico solo: as edificações principiam a levantar-se, e já entre tão luxuriante vegetação se descobre aqui e além a abegoaria, o curral, e a casa de habitação. Este sitio sem horisonte, e pouco pittoresco, tem comtudo uma certa poesia que nos prende, e a uns faz esquecer a Europa, e a outros lhes aviva as saudades. Todos ambicio-

nam possuir um bocado de terra nas *Hortas* para construir o seu *arimo*, nome que dão aos pequenos predios com o seu cercado.

Mossamedes possui o paraizo africano: — oxalá que o saiba conservar e augmentar, e que nova serpente traidora não venha originar a desventura de seus habitantes. Em todo o caso não será ella proveniente da causa da quéda de nosso primeiro pae, quando não já ha muito que o castigo teria vindo, porque o pômo tem sido tragado a bom tragar.

É portanto escusado dizer que em *Mossamedes*, apesar de ser a terra onde ha maior numero de senhoras europeias, com boa educação, os habitos são tão licenciosos como os de *Loanda*. O parochos tem meia duzia de *libertas* ao seu serviço, escolhidas d'entre as mais novas e mais bonitas! Edificante exemplo!

Como aconteceu fallar no parochos, devo mencionar uma circumstancia notavel, e que muita admiração ha de causar aos parochos do nosso Minho, onde as residencias se acham quasi a meia legua umas das outras. O parochos de *Mossamedes* é-o igualmente da *Huilla*, que dista cerca de quarenta leguas de *Mossamedes*!

Sigamos para a quinta dos *Cavalleiros*.

Vamos vêr esse campo de batalha, onde o gentio ainda ha pouco deu provas da sua estupidez e covardia. Teremos de dar uma pequena volta, mas não importa; — proporciona-nos a occasião de vêrmos a propriedade do mais excentrico dos facultativos.

O cirurgião-medico de *Mossamedes*, além de sêr habilissimo na sua arte, é um excellentes homem, esti-

mado de toda a gente que tem a felicidade de o conhecer. Lapa e Faro é o seu nome, estudou quatro annos na escola do Porto, frequentou o quinto em Lisboa, entrou para o serviço da armada, e acha-se, não sei como, estabelecido em *Mossamedes*, onde gosa dos melhores credits. Dotado de um genio independente, obsequieia a todos, mas não se torna importuno com pedidos. Qual outro Robinson, poderia o acaso lançal-o em alguma ilha deserta, que pouco se affligiria com isso: habilidoso em todos os officios, é elle que se veste, se calça, e faz os seus chapéos — mas tudo parece mais obra de um habil mestre, que de um simples curioso. Para mais commodamente visitar os seus doentes, construiu um carro de novo genero, tendo por motor um *boi-cavallo* guiado por um moleque.

Não me era possivel vê-lo mettido no seu carro, de chicote na mão, sem se me figurar que ia dentro de um andor dos que se usam nas aldeias do Minho. Preferindo viver no campo, construiu, perto das *Hortas*, uma casa apalaçada de gosto exquisito, mas que produz magnifico effeito vista a certa distancia: no interior tem uma sala triangular, e conservou na sala de jantar uma grande arvore, que existia n'aquelle sitio. Apesar de casado em Portugal, parece estar no firme proposito de trocar Vizeu, sua terra natal, por *Mossamedes*, onde tenciona occupar-se da cultura do algodão.

Continuemos agora a nossa excursão.

O caminho, ainda que em parte aberto de novo, é triste e fastidioso: são 13 kilometros de passeio forçado,

no qual se não respira senão pó, e em que o espirito do viajante cansa na contemplação de um monte arido, de côr monotoná, que se estende á direita, e continúa ainda além do sitio que vamos visitar; á esquerda fica-nos o rio *Béro*, que na maior parte do anno está sêcco n'uma distancia de quinze leguas, apresentando sobre a areia do seu leito uma leve crusta de lodo, que o sol faz gre-tar e arquear em fórma de telha, póde ser transitado, e é até uma soffrível estrada.

D'esse mesmo lado descobrem-se varios terrenos cultivados, e algumas habitações de lavradores. Entre ellas acolá se avista a de uma portuense celebre, que tendo ido para o Brazil, fez parte da colonia que foi d'aquelle Imperio para *Mossamedes*. D. Isabel d'Austria, era uma senhora muito prendada e de bastante instrucção, que falleceu ha poucos annos; no cemiterio velho vê-se o seu tumulo, mas com o nome quasi inintelligivel. Esta senhora dedicou-se á agricultura e á educação dos seus escravos e escravas: ellas ainda hoje são das mais procuradas, e algumas adoptaram e conservam o nome da sua primeira possuidora.

Esse costume é muito frequente em Angola, e até certos *Regulos* do interior teem pedido como grande honra a alguns Governadores geraes a mercê de poderem usar de igual nome, inclusivamente do de familia.

Eis-nos na quinta dos *Cavalleiros*: é uma extensão immensa de terreno, cultivado á maneira do Brazil, com excellentes plantações de canna d'assucar de magnifica qualidade, bello algodão, muita mandioca e bananas.

Esta propriedade pertence a um individuo que fazia

parte da colonia brazileira, e que hoje se acha na Europa, com pouca tenção de voltar a *Mossamedes*.

Dentro da habitação do fazendeiro está uma boa machina americana de limpar o algodão, que trabalha com a maior regularidade, dando optimo resultado. A pequena distancia existem as ruinas do engenho do assucar, que não funciona por falta de meia duzia de traves para o reparar provisoriamente!

Tudo quanto do terraço podemos alcançar com a vista foi aqui ha tempos devastado e roubado pelos *Munanos*, ou *Nanos*, especie de vandalos do interior, que só vivem de pilhagem. Quando a fome os aperta fazem as suas correrias pelos povos que se dizem nossos vassallos, e a pretexto de cobrarem os tributos, a que não teem direito, roubam o gado aos pastores, devastam tudo por onde passam, e recolhem ao *Nano*, levando os prisioneiros que poderam fazer, para serem vendidos nas proximidades de *Benguella*, ou resgatados por grandes quantias.

Cinco mil d'estes gentios tentaram uma invasão em *Mossamedes*, onde já não faltava mêdo, porque não estavam então preparados para lhes poderem resistir. Entraram pelo lado do norte, que é o mais mal guarnecido, — com quanto fosse facil formar um reducto a quatro leguas de distancia da villa, para conter em respeito estes barbaros, — chegaram á quinta, onde umas dezoito pessoas mal armadas os contiveram durante umas poucas de horas; lançaram o fogo e talaram todas as plantações, incendiaram o engenho e a habitação, e re-

tiraram a final, levando prisioneiros o fazendeiro e parte dos seus escravos. Aquelle recolheu d'ahi a dias a *Mossamedes* com os trajes que trazia quando veio ao mundo, e alguns escravos que depois conseguiram fugir vieram apresentar-se-lhe.

Assim ficou em poucas horas, este homem laborioso, reduzido quasi á miseria; mas graças aos esforços e habil administração da pessoa a quem o proprietario deixou entregue a sua quinta, a não serem as ruínas do engenho, nada nos poderia fazer acreditar n'uma semelhante devastação.

Póde-se dizer que a quinta já se acha talvez em melhor estado, do que antes da invasão, mas muito mais se teria conseguido se o fazendeiro contasse o numero de escravos precisos para o serviço. Com muitos sacrificios tem comprado alguns, mas o seu numero ainda está longe de chegar ao que d'antes era, e esse mesmo, na actualidade, seria insufficiente.

O Governador geral deveria animar este homem brioso, pondo ao seu serviço, durante quatro ou cinco annos, um numero avultado de *libertos*; quando não, continuará, por falta de braços, a perder-se a colheita da canna e do algodão.

Foi por occasião d'esta invasão que o Governador de *Mossamedes* deu a mais evidente prova da sua ineptia. Apenas teve noticia que os *Mu-nanos* se aproximavam, o seu primeiro cuidado foi de flanquear uma loja em que vende manteiga, com quatro peças d'artilheria, e convidar os habitantes para o coadjuvarem. Para o resolver a enviar soccorros á quinta, foi preciso descom-

pôl-o: — mandou então a muito custo uma peça, mas com balas que lhe não serviam!

Eu não quiz regressar á *Praia* sem vêr uma das cousas talvez mais curiosas das nossas possessões: são differentes familias de pretos gentios, que se deixaram ficar nas proximidades de *Mossamedes* quando os portuguezes alli se estabeleceram. Estas familias de pastores, a quem dão o nome de *Mundombes*, vivem em *cutbatas* de ramos sêccos, do feitio dos fornos que ha na provincia do Minho, em certos soutos onde se costumam fazer arraiaes, e para as quaes elles entram de rasto.

Cada familia compõe-se de um homem com tres ou quatro mulheres, e um avultado numero de creanças. Estas creaturas, apesar de viverem já ha annos perto dos europeus, e estarem todos os dias em contacto com elles, em nada tem modificado os seus habitos primitivos.

Os homens usam de um traje que se compõe de um *panno* d'algodão amarrado em volta do corpo, e outro lançado aos hombros como um manto, e trazem sempre um cajado na mão. São d'elegante estatura, e as suas posições e movimentos muito differentes das dos pretos das outras tribus, que andam com acanhamento, e não perdem uma occasião em que possam estar de cocoras, ou sentados.

As posições dos *Mundombes* são nobres e altivas.

Nas mulheres é que existe toda a originalidade d'esta raça. Trazem sobre a cabeça um bocado de pelle de boi por curtir, levantam-lhe as pontas de traz e de diante para cima da cabeça, de fôrma que aquelle adorno

immundo e de côr escura, assemelha-se a um pequeno chapéo como o de Napoleão. Por vestuario apenas dous bocados de pelle, cahidos da cinta para baixo, um por diante, e outro por traz, e por cima d'elles, cobrindo-lhes as nadegas e o ventre, uma quantidade enorme de missangas brancas, azues, e encarnadas. N'isto consiste todo o seu luxo: — aquella que tem o maior pezo de missanga é a mais feliz. Nas pernas e nos braços trazem grande quantidade de manilhas de ferro, que é o distinctivo das casadas; em volta do corpo uma correia lhes aperta os peitos, os achata, e estende ás vezes do comprimento de palmo e meio, o que dá a estas fêmeas o aspecto mais repugnante, — mas passa entre ellas por uma das maiores bellezas. Não se lavam nunca, e augmentam a immundicia em que vivem, untando o corpo e o cabello com manteiga de vacca fabricada por ellas.

Ás casadas só é permittido divertirem-se, ou por outra, dançarem, porque n'isso se resumem todos os seus divertimentos. As suas danças podem comparar-se aos passos desenfreados, que os antigos nos descrevem quando fallam das famosas Saturnaes.

Assisti ás danças dos *Mundombes* executadas por diversos grupos: — eram copia fiel umas das outras. Reunem-se sete ou oito mulheres, e formam um circulo, entoando uma cantiga de uma monotonia capaz de fazer morrer de *spleen* todos os collaboradores do «Charivari;» acompanham este canto batendo as mãos, e levantando ora um pé, ora o outro. Ao cabo de cinco minutos pouco mais ou menos, e quando começam a electrizar-se, entra uma d'ellas para o centro, e desata a

saltar como endemoninhada, fazendo passos e gestos in-criveis, que vão crescendo conforme a approvação dos assistentes. As mais velhas são as que mais se saracoteiam; não é difficil acreditar, que são ellas tambem as que apresentam contracções de physionomia mais hor-rendas no delirio a que se entregam.

O que deduzi de tudo quanto presenciei, foi que o estudo principal d'aquellas mulheres é tornarem-se feias e immundas, porque as raparigas são quasi todas lim-pas, e bastante engraçadas. Estas usam em volta do corpo um *panno* d'algodão, como as demais pretas da costa, com a differença que lhes não passa abaixo dos joelhos; nas pernas trazem manilhas de vime, que é o signal de virgindade. Facil é de comprehender quanto anhelam trocar estas manilhas pelas de ferro, que além d'outros gosos, lhes facilita o da dança, que ellas tanto apetezem.

Na occasião das danças as raparigas conservam-se em grupos a certa distancia, vendo-as com inveja. Os rapazes chegam-se para os velhos, e sempre n'uma posi-ção academica, contemplam com seriedade todas aquel-las desenvolturas.

As creanças andam inteiramente núas até aos oito ou dez annos, mas já antes d'essa idade as raparigas tra-zem as manilhas de vime.

O sustento de toda aquella gente compõe-se de milho pisado com uma pedra, cozido em agua e leite: — é uma comida insipida que qualquer desdenharia sem ser gastronomo, mas a que dão grande apreço.

Os *Mundombes* pagam os tributos em generos, como

nos mais districtos da Provincia : são eleitores, e não sei se elegiveis. Note-se que nenhum sabe lêr, e que raros são os que fallam ou entendem o portuguez.

As mulheres não tendo nada mais em que se occupar do que em cozinhar a *cachupa*, sobrava-lhes tempo se prezassem a limpeza para destruir a immensa quantidade de bichos que trazem por entre as missangas; mas preferem dormir, fumar, e dançar. Este viver, que parece mais proprio d'animaes, do que de creaturas humanas, tem taes attractivos para quem foi creado n'aquelles habitos, que ainda não ha muito, que uma rápariga que estava a servir uma familia da *Praia*, teve de a acompanhar á Europa, onde se demorou bastante tempo, parecendo ter adoptado os nossos costumes, e regressou a *Mossamedes* bem vestida e calçada, e de luva branca. Não tardou porém muito tempo que a *mucamba* não trocasse esses bellos atavios por manilhas de ferro, e por missangas!

Lá a vi entregue ao frenesi da dança, trazendo escarranchado na anca uma creança, a quem fazia soffrer de certo grande martyrio, por causa dos solavancos occasionados pelas posturas desordenadas. Era curioso vêr as caretas que o moleque fazia, agarrando-se á mãe com mêdo de cahir. Esta maneira de trazer as creanças, a quem chamam *crias*, é usada pelas negras em toda a Provincia, com a differença que as escravas e *libertas* trazem-as envolvidas n'uma segunda saia, que arregaçam e prendem em volta do corpo, de modo que só a cabeça da creança fica de fóra.

Como ouvisse fallar muito nas *sanzallas*, quiz vêr o

que era: achei uma certa quantidade de *cubatas* em que vivem os negros, compostas só de ramos; fiquei desapontado, e voltei para a *Praia*.

Uma das cousas mais desagradaveis que encontrei em *Mossamedes*, e que sempre me causou repugnancia, foi o gosto do fumo muito pronunciado em todas as comidas que vão ao lume; como não ha carvão vegetal, cozinham com lenha verde, e rara é a comida que não fique estragada.

Visitei a *Torre do Tombo*, sitio junto da bahia, que assim appellidam, e onde os visitantes e os colonos vão inscrever os nomes n'um grés molle de que é composta parte da costa. A lista é numerosa: lá se acham alguns nomes de certas notabilidades portuguezes, esculpidos por filhos, irmãos, ou primos, que o mau fado ou a ambição levaram áquellas praias; e outros desconhecidos, mas talvez não menos illustres, com datas de quasi dous seculos.

Quiz vêr as obras do forte, porém ao approximar-me fixaram-me a attenção uns gritos compassados, que de lá saham; entrei para descobrir a causa d'aquelles lamentos, e fiquei horrorisado quando vi, amarrada ao reparo de uma peça d'artilheria, uma preta escrava, com o *panno* arregaçado na parte posterior, soltando um berro rouco cada vez que um soldado de caçadores, em mangas de camisa, com a mão esquerda assente na ilharga, lhe descarregava sobre o trazeiro o golpe de uma disciplina composta de quatro correias.

Achavam-se presenciando esta scena mais dous pretos, para quem estava reservada igual sorte, e um em-

pregado da policia, encarregado de levar os negros á correcção, e de contar o numero de surras que tinham de receber.

Desataram a preta, que foi substituida por um dos pretos, que a principio parecia querer usar de cerimonia com o seu companheiro, pretendendo ceder-lhe a vez. Apenas sentiu a primeira pancada principiou gritando com desesperação:—*Ah morra meu sior! morra meu sior* (1)! e assim continuou até levar os cem açoites a que tinha sido condemnado por ter roubado o amo, e tentar assassinal-o, convidando outros para o coadjuvarem e fugirem depois para o interior.

Não quiz continuar a presenciar estes actos que repugnam a quem não estiver acostumado a elles, ainda que reconheça, como eu, que sem castigo nada se consegue do preto.

Com quanto entenda que um viajante deve vêr tudo, confesso que sahi do forte bastante arrependido de ter satisfeito a minha curiosidade, e desci para a praia reflectindo que cem açoites, dados com uma disciplina de quatro pontas, correspondem a quatrocentos.

Será isto uso, ou abuso?

Foi bom que prohibissem aos senhores de castigarem os escravos, porque alguns o faziam desalmadamente, mas não me parece conveniente que o papel de algóz seja desempenhado por um branco, e sobre tudo por um soldado, o que é degradante para a classe. N'esse officio era melhor empregar um negro a quem se

(1) O verdadeiro sentido d'esta phrase é: *acuda-me, meu amo, se não eu morro*, e subentende-se, *e você perde quanto eu lhe custei*.

pagasse, e que havia de cumprir o seu dever com dedicação e zelo, porque toda a vez que se tracta de ganhar dinheiro, fazendo mal, póde-se contar com elles.

Quando cheguei á praia notei certa animação: as portas e janellas das casas estavam occupadas com gente que olhava para a bahia. Era causa d'esse movimento a chegada de um dos tres navios costeiros de que já fallei: são de pequena lotação, e empregam-se no transporte de munições e mantimentos para os differentes pontos da costa; estão todos em mau estado, e por isso mesmo foi que os cederam á Provincia. O commando d'esses navios está confiado a segundos tenentes da armada, que de facto são os senhores d'aquellas embarcações, pois que a Provincia só tem a seu cargo a despeza que com ellas faz, em quanto que os lucros são para os commandantes; carregam a bordo por sua conta, ou da de particulares, recebem passageiros com quem ajustam a passagem, demoram-se o tempo que lhes parece nos portos onde vão negociar, e regressam a *Loanda* quando lhes faz conta, sem dar satisfação a ninguem. Costumam alguns dias depois da chegada enviar á Junta da Fazenda um quarto de papel, escripto muitas vezes a lapis, mostrando laconicamente o rendimento da viagem, que raras vezes attinge a quantia de quarenta mil reis.

A companhia «União Mercantil» veio fazer grande concorrência a este proveitoso negocio, que é um dos abusos mais escandalosos que se praticam em Angola, e cuja repressão não escapará seguramente á penetração do Governador geral.

O systema de transportes na costa deve ser reforma-

do. Os navios de vela, n'aquellas paragens, onde o vento escasseia a miudo, são demasiadamente morosos: a Provincia necessita absolutamente de dous vapores pequenos, por exemplo, como o « Lynce ». Sem elles posso afiançar que não ha governo possivel em Angola.

No primeiro domingo que passei em *Mossamedes* levantei-me cedo para ir á missa, onde esperava vêr reunida a melhor sociedade da villa, mas fiquei admirado de me achar só com o destacamento. Disseram-me que d'antes as senhoras frequentavam a igreja, mas que em consequencia de desintelligencias com a mulher do Governador, deixaram de lá voltar. Os deveres religiosos teem pouco imperio sobre o bello sexo de *Mossamedes*, que tão facilmente os sacrifica a um despeito mesquinho.

Aqui, como no resto da Provincia, não ha distrações, e o vicio do jogo é dominante por toda a parte.

Os pretos passam o domingo nas suas *batucas* (danças) ao som das *marimbas*, acompanhadas de uma cantilena lamentosa, cujo ritornello impressiona profundamente o europeu que ouvir aquelles cantos melancolicos n'um paiz onde o coração está sempre disposto para a tristeza.

No que *Mossamedes* excede muito a todas as outras terras d'Angola, é na bondade do seu clima: para alli tem de ser mudada a capital, n'uma época que talvez não esteja distante, e então poderá gosar os melhoramentos de que é susceptivel; a essa transferencia será devido o desenvolvimento em larga escala da agricultura, que tão proveitosos resultados deve dar a quem d'ella

se occupar, e ao Governo que a animar e proteger. A cultura do algodão, da canna do assucar, e do tabaco, ha de necessariamente produzir uma consideravel riqueza, mas para isso cumpre que se dê áquella colonia a importancia que ella merece, e que por uma efficaz coadjuvação possa attingir tal grau de prosperidade, que seus habitantes cheguem a esquecer que vivem em Angola. Só então é que Portugal terá uma possessão que lhe seja verdadeiramente proveitosa.

Mossamedes e os terrenos que lhe ficam contiguos n'um raio de trinta leguas, valem quasi tanto como todo o resto da Provincia: é um paiz virgem, de uma fertilidade extraordinaria, e de uma temperatura propria para alli habitarem europeus; — emfim, é uma terra destinada a um brilhante futuro.

Quanto mais proveitoso não seria, tanto para o paiz, como para os proprios emigrados, se em vez de se encaminharem para o Brazil, fossem estabelecer-se com o auxilio do Governo no districto de *Mossamedes*?

A ideia em que todos estão de que só na America se póde fazer fortuna, é causa da indifferença com que geralmente se olha para as nossas possessões. As fortunas consideraveis que teem vindo do Brazil alimentam a deploravel e irresistivel fascinação de muitos desgraçados, que nem sequer pensam no risco d'essa loteria em que tão raros são os premios, em proporção da immensidade de gente que assim vai temerariamente tentar a sorte. Depois que n'aquelle Imperio se tornou endemica a febre amarella, póde ser tido, com justa razão, como um vasto cemiterio de portuguezes.

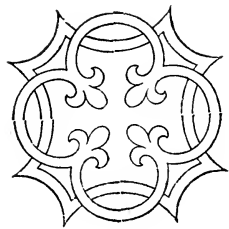
Infelizmente em Portugal pouco ou nada se conhece esta parte da nossa Africa, que offereceria aos colonos uma vantajosa concorrência; os nossos Governos não apreciam bem o alcance d'esta questão vital, e entreteem-se n'uma politica ridicula, e ha parochos que em vez d'esclarecerem o povo, não se envergonham de exercer sordidamente o odioso e vil papel de engajadores d'escravatura branca!

Concluo esta singela narração, fazendo uma observação que talvez fosse desnecessaria, mas que eu tenho a peito aqui registrar.

Encontrei em Angola, em todas as classes da sociedade, algumas pessoas de muito fino tracto e de esmerada educação: na classe commercial, que é a mais numerosa, é onde são mais raras, e portanto mais apreciaveis. Conheci militares de probidade e de maneiras mui delicadas; officiaes de marinha em commissão, alguns d'elles meus companheiros de viagem no regresso, sobre quem não peza a mais leve suspeita.

Se as côres com que esbocei este quadro, não são agradaveis e parecem demasiado carregadas, ninguem o sente mais do que eu; — mas entendi que era prestar um serviço, dizer clara e francamente a verdade em assumpto que tanto nos interessa.

Oxalá que estas paginas possam contribuir para algum bem, que não julgaria então perdidos os QUARENTA E CINCO DIAS EM ANGOLA.



C. C. C. C. C. C. C. C. C.
1910